

Trimestral
Genebra
Suíça
Ano V
Setembro
2005
Bilingue

Pessoas

n°19

encontros culturais

Distribuição gratuita

António da Cunha

Análises

Comentários

Contos

Crónicas

Entrevistas

Eventos

Galeria

Opiniões

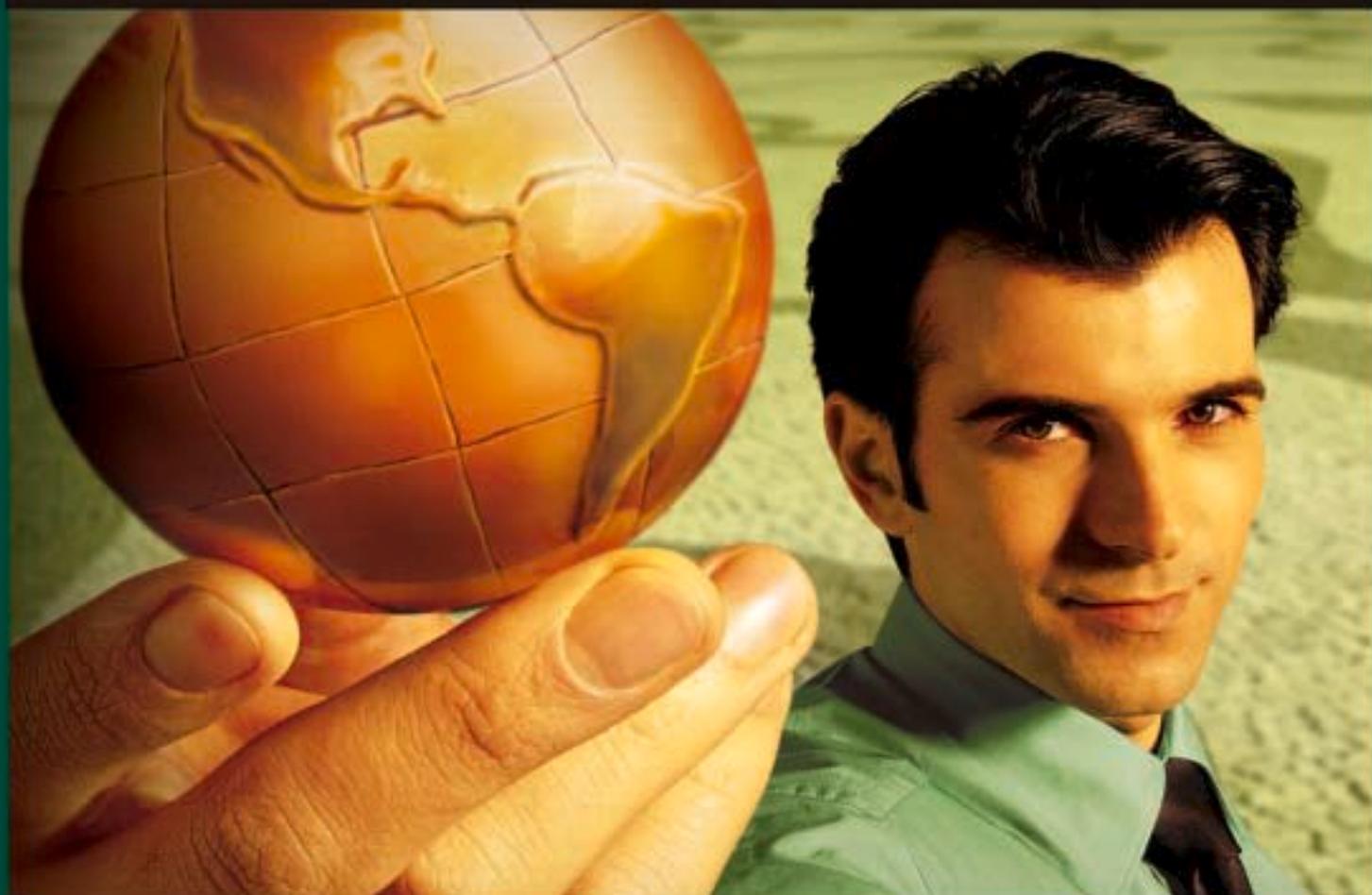
Poesia

Roteiros



Presidente da FAPS
Professor Catedrático na Universidade
de Lausanne

Em todo o caso, é melhor falar com quem sabe.



Está a par de todas as novidades da banca?

**Não hesite.
Contacte-nos !**

Av. de Montchoisi, 15
1006 Lausanne

Tél. 021/ 614 00 14
Câmbio 021/ 614 00 16
E-mail : emigr@bes.ch

BES Directo:

Atendimento personalizado
24 horas por dia
0080 002 473 650

Banca Electrónica : www.bes.pt

Todos os portugueses que vivem no estrangeiro têm uma segurança exclusiva: podem contar com o total apoio do Banco Espírito Santo. O banco que sabe quais são as suas necessidades e prioridades. E que sabe que o mais importante é estar onde você precisa.



BANCO ESPIRITO SANTO

Quem sabe, sabe e o BES sabe

Propriedade

L.C.

Director

António Pinheiro

Edição

A.P.I.C.

Chefe de Redacção

Luz Neto

Redactores permanentes

António Louçã
Benjamin Ferreira
Catarina Reis
Octávio Xisto
Paulo Morgado
P. Bártoło
Raquel Ferrari
Rosa Adanjo
Teresa Lopes

Colaboraram neste número

Casimiro Oliveira
Gabriela Silva
Giuseppe Patanè
Leyla Tatzber
Luís Florêncio
Lurdes Trindade
Mafalda Oleiro
Miguel Neves Passarinho
Rose-Mary Magnin

Grafismo e Paginação

Eduardo Pinho

Fotografia

António Pinheiro
Nuno Alves

Publicidade

Gabriel Bettencourt

Pessoas magazine

CP 1877

1211 Genève 1

Bd. James Fazy 18
1201 Genève Suisse
Tel +41 22 738 85 25
Fax +41 22 738 88 37
pessoasmagazine@bluewin.ch

Periodicidade trimestral

Assinatura

20 frs / ano – Suíça

40 frs / ano – Europa

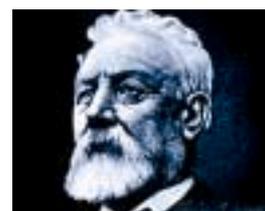
Tiragem deste número

5.000 exemplares

Distribuição gratuita

Leia a **Pessoas** na internet
www.espacportugues.ch

- 4-5..... Editorial
- 6..... Retrato e caricatura
- 7..... Na era dos gambozinos
- 9..... Observatório de Genebra
- 10..... Notas Soltas
- 14..... Júlio Verne
- 16..... Patrimoine architectural genevois
- 18..... Camões e luso-descendentes na ilha angélica
- 21..... Galeria – Dimitrana Djukic
- 22..... Galeria – Luci Bento
- 24..... Entrevista – António da Cunha
- 33..... Homenagem – Padre Bártoło
- 34..... Laranjas
- 36..... As Loas dos casamentos
- 38..... Le Salon
- 39..... Homenagem – D.^{ra} Cassola Ribeiro
- 40..... Intercâmbio desportivo – rapazes de férias
- 42..... Roteiros – Nyon
- 45..... Brigada Ligeira
- 46..... Endereços úteis



Le temps des vacances est terminé. Le réchauffement du climat, les incendies, l'impunité de ceux-ci et de ceux-là ont réduit le pays en cendres. Personne ne responsabilise personne et de ce fait personne n'est responsabilisé. Un été propice à mettre à nu l'orgueil "sui generis" d'être portugais. Ensuite vient la rentrée. A l'agitation des achats pour les gamins viennent en plus les contestations, les sous ne suffisant pas pour remplir les sacs à dos et encore moins pour les fringues de marques exigées de nous. Comment joindre les deux bouts? Les manifestations de rue et les reproches contre le gouvernement sont vite passés par les épanchements sensibles et anesthésiants de la "télé-pubelle" des chaînes de notre télévision. Ras-le-bol! Il y a dans la société portugaise un mal-être évident, un malheur camouflé qui provoque une réaction juste contre le système.

Nous accusons le mauvais fonctionnement de la Justice, des institutions, mais malgré tout, nous nous sommes engagés dans les élections de Valentins et Felgueiras. Indifférents aux idéaux et aux idées, nous plongeons dans le populisme des caciques.

L'enseignement du portugais dans les communautés émigrantes est sujet à de grandes réformes pour l'année prochaine. De quel genre? Pour quels motifs? Par quelles causes? Les chargés d'éducation ont été appelés à donner leur opinion sur cette restructuration. Ne serait-ce pas à chaque pays et chaque communauté spécifique d'analyser le pour et le contre? Ce qui est bon pour la France, les Etats-Unis et la Belgique peut ne pas être idéal pour la Suisse. En réduisant les dépenses pour l'enseignement du portugais, comme le prétend le gouvernement, il va peut être augmenter le désintérêt des jeunes pour le Portugal. Ne serait-ce pas si important pour les politiciens et les politicards que les émigrants parlent le portugais? En vérité, il n'y a pas besoin de parler portugais pour que dans un pays où règne la corruption, l'argent rentre par les impôts payés par ceux qui travaillent pour autrui. Et si un jour cet investissement cessait? Les petits politiciens se souviendraient-ils qu'ailleurs il y a encore des personnes qui s'enorgueillissent d'être portugaises? A part cela, l'argent du trésor public est destiné à des réformes princières qui sont attribuées à une flotte de voitures haut de gamme, de voyages de vacances offerts, camouflés en services inajournables et on s'étonne qu'après il n'y ait pas d'argent pour récupérer le patrimoine, pour payer les services et les biens de première nécessité, comme la santé, l'éducation et l'enseignement. Où nous conduiront ces parasites sociaux?

PESSOAS souhaite à tous une bonne rentrée.

Le r a P e s s o a s é s a b e r m a i s !



O tempo de férias? Já foi. Acalorado no clima, nos incêndios, na impunidade deste e daquele que puseram o país reduzido a cinzas. Ninguém responsabiliza ninguém e, por sua vez, não é responsabilizado.

Um Verão propício a pôr a nu o orgulho *sui generis* do ser português. Depois foi o regresso às aulas, à agitação das compras para os “garotos” e lá vêm mais contestações; os trocos não chegam para encher as mochilas nem para os trapos de marca que nos exigem.

Dar volta ao ordenado, como? Contestações na rua, impropérios contra o Governo e lá, passa num repente, o desabafo sentido, anestesiado pelo telé-lixo dos canais da nossa televisão.

Não há pachorra! Há na sociedade portuguesa um mal-estar óbvio, uma infelicidade camuflada, que coacta uma reacção justa contra o sistema.

Acusamos o mau funcionamento da Justiça, das Instituições, mas embarcamos na eleição de Valentins e Felgueiras. Indiferentes a ideais e ideias, mergulhamos no populismo de caciques.

O Ensino do Português, nas comunidades emigrantes, está a ser alvo de grandes reformas para o próximo ano. Em que aspectos? Motivos? Causas? Os Encarregados de Educação foram chamados a opinar sobre essa reestruturação? Não será cada país, cada comunidade, um caso específico para analisar os prós e contras?

O que serve para a França, Estados Unidos ou Bélgica pode não ser ideal para a Suíça.

A troca de reduzir despesas com o Ensino do Português, como pretende o Governo, talvez aumente o desinteresse por Portugal nas nossas camadas mais jovens. Ou não será tão importante assim para os políticos e politíqueiros que os emigrantes falem português?

Na verdade, para que cheguem remessas de dinheiro, ao país onde impera a corrupção e só paga impostos quem trabalha por conta de outrém, não é preciso falar português. E se um dia cessar o investimento? Lembrar-se-ão os “politicozecos”, que, lá fora, ainda há pessoas que se orgulham de ser portuguesas?

Além do mais o dinheiro do tesouro público destinam-no às reformas principescas que se atribuem e às frotas de carros topo gama que se ofertam, às viagens de férias camufladas em serviços inadiáveis e, pasme-se!, depois não há dinheiro para recuperar o Património, para pagar os serviços e bens de primeira necessidade, como saúde e educação e o ensino. Onde nos conduzirão estes parasitas sociais?

A PESSOAS deseja a todos boa *rentrée*

António Pinheiro

PESSOA



Café Littéraire
simplesmente diferente



Retrato e caricatura



fotografia a sépia só pode fazer-se através do uso de filtros e de artimanhas várias. A verdadeira fotografia da vida, a fotografia do quotidiano, essa sim, faz-se na transparência da luz e das vivências e na virtuosidade do fotógrafo ou do amator de belas imagens. A não ser que, numa virtuosidade ainda maior e no exercício de uma imaginação sem fronteiras, se produzam caricaturas coloridas e mensagens sem tino.

Assim parece acontecer quando o país, dito Portugal, é visto através das imagens da televisão transmitidas nos noticiários do dia-a-dia. Fica-se com a sensação de um país vivendo numa arena de circo e com a convicção que é melhor pertencer ao grupo certo para se ter a vantagem certa: um festim de corporações desfilando lamúrias num casamento em contra mão.

Portugal não é, nem um país a sépia nem uma caricatura de democracia. Portugal não é, nem um país de analfabetos nem um território cheio de casas amarelas. Apesar dos incêndios, das férias de um Primeiro-Ministro ou dos desmandos de corporações em desavença com o passado, Portugal é um país de gente que trabalha, de jovens que estudam e de cidadãos que acreditam em melhores dias.

Mas nas fotografias da vida que os noticiários transmitem, a não ser em raras ocasiões de lucidez, Portugal mais parece uma comédia pícara do que um verdadeiro país, reflexo do

dia-a-dia de uma comunidade nacional. Ou será que, para parafrasear o título de um livro aparecido há anos, somos mesmo “Gente Feliz com Lágrimas”?

E porque não dizer “Gente Feliz com Futebol”? Ou ainda Gente feliz, feliz mesmo, como a senhora e o senhor que vão concorrer às eleições autárquicas em Felgueiras e Amarante?

Gente feliz nas imagens transmitidas pela televisão e nas esperanças depositadas por milhares de pessoas. Perante tal ligeireza de comportamento cívico e baixeza de comportamento político, fácil é acreditar no alheamento da política por parte de milhares de cidadãos e na descrença crescente de muitos jovens na acção política.

Ao caciquismo local, ao tráfico de influências, à corrupção cinzenta, às noites das facas longas, deveria corresponder uma revolta persistente e um sobressalto cívico. Mas a uma justiça e a uma política rasca, corresponde, logicamente, um pedaço de país rasca. Com o devido respeito e a merecida homenagem a todas aquelas e aqueles que fazem, da justiça e do exercício da política, uma nobre causa de serviço e de cidadania.

Por isso, se a caricatura faz esboçar um sorriso cúmplice e prazenteiro, o retrato da vida, dos seus enganos e certezas, das suas alegrias e amarguras, deveria produzir uma mão cheia de adrenalina e um movimento interno de esperança. Não será para isso que existem políticas e políticos?

É bom tê-lo connosco.



NA ERA DOS GAMBOZINOS

Vamos para três anos desde a invasão do Iraque, sem ter aparecido nenhuma das tais armas de destruição massiva que justificaram a cruzada. Mais, passou tanto tempo que se tornou forçoso admitir oficialmente a inexistência das armas. E desculpem qualquer coisinha ...

Aos “marines” mobilizados para as margens do Tibre e do Eufrates, reconheceu-se que as ditas armas não passavam, afinal, de gambozinos. Com tudo isto, talvez os olhos se lhes tenham aberto um pouco, mas era demasiado tarde para voltarem atrás – já lá estavam, e teriam de ficar mais tempo do que alguma vez fantasiaram nos piores pesadelos sobre a sua carreira militar.

Armas de destruição massiva, reais verdadeiras, palpáveis, são as que mostraram existir nas margens do Mississipi, no coração mesmo do país que anda pelo mundo à procura delas. Se o furacão é um fenómeno natural, o mesmo não pode dizer-se dos cortes orçamentais que reduziram a 25% as verbas destinadas todos os anos à reparação dos diques de Nova Orleães e, em geral, que reduziram os gastos da assistência social e condenaram os milhares de pobres da cidade a esperarem uma catástrofe anunciada, paralisados, sem terem para onde ir. A política de tirar aos pobres para dar aos ricos é a arma de destruição massiva da Administração Bush.

Não se atribuam, contudo, todas as culpas ao excêntrico inquilino da Casa Branca. A sua primitivíssima retórica auto-justificativa tem imitadores por todo o mundo. Em vésperas da invasão do Iraque, quando Powell e Cheney já tinham desistido de provar a existência das armas, a propaganda norte-americana recuou para uma posição inatacável: Saddam Hussein também não tinha provado que elas não existiam.

Como se prova que alguma coisa não existe? Pode o leitor provar que não tem armas de des-

truição massiva escondidas em algum lugar do planeta? Pode provar que não enterrou um frasquinho de antrax algures num local dos Alpes conhecido apenas de si? Pode o leitor provar que não existem gambozinos? Pode o ateu impenitente que escreve estas linhas provar que deus não existe? A imprensa mais subserviente engoliu, no entanto, a tal retórica primitiva. Em Portugal, engoliu-a, digeriu-a e regurgitou-a no episódio do “arrastão”.

Conta-se numa palavra: no dia 10 de Junho (por acaso conhecido noutros tempos como o “Dia da Raça”), a polícia recebeu uma denúncia de que estaria a ter lugar na praia de Carcavelos um “arrastão” levado a cabo por cerca de 400 jovens negros. Passado algum tempo o corpo de intervenção estava no local, com armas de fogo, a realizar detenções. Nos noticiários da tarde,

falou-se do “pânico” causado pelo “arrastão”. Dias depois, alguns homicidas condenados em tribunal convocavam para uma praça central de Lisboa uma manifestação de extrema-direita para protestar contra o “arrastão”.





**Segurança para o vosso dinheiro,
Tranquilidade para vocês.**

Conheça os serviços que a LCC lhe oferece.

O serviço ideal para quem precisa de garantir auxílio financeiro para a sua família na terra natal, suporte nas emergências em viagens internacionais, ou ainda necessita manter as suas operações de negócio no exterior com total segurança. As transferências podem ser efectuadas através de um dos nossos escritórios.

Com o FoneFácil vocês fazem a vossa transferência de dinheiro sem sair de casa, utilizando o vosso internet banking.

Pensando em vocês a LCC criou o serviço de atendimento facilitado. Podemos ir a onde estiverdes para buscar o dinheiro a ser enviado e enviamos o seu comprovativo por correio ou email.

Além disso a LCC oferece ainda :

Promoções e sorteios de prémios mensais ;
Venda de passagens aéreas e pacotes turísticos ;

Sorteio de fim de Ano

A LCC oferece uma passagem aérea (ida e volta) para Portugal.

Concorrerão todas as pessoas que enviarem dinheiro para Portugal através da nossa agência até ao dia 31/12/04.

LCC TRANS ENVOI SARL

29, rue Rousseau
(a 20 metros da saída do
Supermercado MANOR)

tel : 022 732 16 80

Segunda a sexta : 9h às 19h

Sábado : 9h às 17h



NA ERA DOS GAMBOZINOS

Mais uns dias, e foi publicado um trabalho da jornalista Diana Andringa que apurava o seguinte: primeiro, não havia banhistas a queixarem-se de roubos naquela praia e naquele dia; segundo, todas as estações de televisão que noticiaram o “arrastão” tinham entrevistado uma única testemunha, e sempre a mesma; terceiro, essa testemunha era a mesma pessoa que tinha chamado a polícia, por ter visto demasiados jovens africanos para o seu gosto e por achar que ia passar-se alguma coisa; quarto, que a própria polícia tinha rectificado o seu primeiro relatório, poucas horas depois, e desmentido a existência de algum “arrastão”; quinto, que os meios de comunicação social não rectificaram as suas próprias notícias nem se fizeram eco da rectificação da polícia.

Vários responsáveis da intoxicação noticiosa daquela noite optaram, mesmo assim, por não dar o braço a torcer. E o inevitável argumento rezava assim: embora não esteja provado que existiu o “arrastão”, também não está provado que não existiu. Não há nenhum gambozino a testemunhar que uma horda de assaltantes tenha invadido Carcavelos em 10 de Junho, mas nada nos garante que esse gambozino não esteja para aí, a esconder-se das retaliações prováveis por vir a terreiro desmascarar os bandidos.

Para não abundarmos mais nesta discussão, fiquemo-nos com esta: o que está provado é que o inquilino da Casa Branca faz escola. Sempre que lhes cheira a poder, o reflexo imediato da maioria dos nossos plumitivos é o de se porem de cócoras e contarem coisas sem nexos. Para acreditar nesta “informação” que nos servem, só mesmo um obstinado caçador de gambozinos.



Observatório de Genebra

Turquia: um cavalo de Tróia na União Europeia



Previstas para Outubro de 2005, as conversações finais que poderão trazer a Turquia para o seio da União Europeia são, nem mais nem menos, o resultado das promessas que o clube de Bruxelas lhe vem fazendo ao longo das últimas décadas. Se isso acontecer, passaremos a ter uma “União euro-asiática” e, com ela, o princípio do fim da nossa civilização judaico-cristã. Expliquemo-nos melhor: um país cujo território se estende por mais de oitenta por cento pelo continente asiático – incluindo Ankara, sua capital, que fica do lado de lá do Bósforo – e com sessenta milhões de habitantes professando a religião muçulmana, pode tornar-se numa rampa de lançamento para o islamismo radical que pretende infiltrar-se no Ocidente.

Numa União Europeia ideologicamente dividida por causa da recém-criada Constituição – dois estados-membros, França e Holanda, referendaram-na há poucos meses, mandando-a às urtigas – muito nos estranha que os seus dirigentes máximos se lancem às cegas num acordo de plena integração com um país que, de europeu, pouco ou nada tem, fechando, por exemplo, a porta a uma Rússia que, partilhando uma civilização semelhante à nossa, deixou de lado o comunismo, abrindo-nos os braços, o petróleo e o gás natural. Seria bom, no ano em que se comemoram seis décadas do fim do maior conflito mundial, não esquecermos que o sonho europeu de paz, riqueza e segurança só foi possível com a aniquilação do nazismo, graças em grande parte ao esforço de guerra dos povos da antiga União Soviética; os quais, para além da destruição deixada pelos nazis, pagaram com mais de cinquenta milhões de mortos

a aventura racista, criminosa e megalómana dum louco chamado Hitler.

Cremos que o processo de integração da Turquia na UE responde quase exclusivamente à prioridade de Bruxelas no que toca ao seu crescimento económico. Ankara é um parceiro de peso na balança comercial dos actuais vinte e cinco, e isso faz esquecer muita coisa: a violação repetida dos Direitos do Homem naquele país; a incrível negação do genocídio dos arménios, em 1915; a brutal repressão dos independentistas do Curdistão turco; os crimes de honra cometidos contra a mulher, sua falta de liberdade e os casamentos forçados. Tanta, tanta coisa a separar-nos, como é o caso do não reconhecimento de um estado da União Europeia, a República de Chipre, cuja existência legal não é admitida pelas autoridades de Ankara que lhe ocupam militarmente um terço do território...

Certamente que a Turquia, berço do grande império otomano, teria todo o interesse em dormir numa Europa rica, virando costas à instabilidade que medra nas suas fronteiras orientais, acolhendo-se sob o guarda-chuva social que representa a União. Mas, para tanto, é necessário e urgente que modifique muita da sua praxis totalitária, porque esta Europa com que sonha é plural, democrática e humanista. Porque do lado de cá do Bósforo habituámo-nos a conviver com a diferença, temos horror à guerra, cultivamos a verdade. Se Ankara enveredar pelos caminhos da justiça social, respeitando o direito de todos os homens – a começar pelo dos seus próprios cidadãos – verá, concerteza, franqueadas as portas duma Europa com vocação internacionalista, nem que seja só com um “Acordo Privilegiado de Parceria”.



s férias são para descansar!..., justifica-se assim, quem não gosta muito de se empenhar.

As ditas férias podem servir, e devem servir, para alargar horizontes culturais.

O **II Encontro de Professores** – e outras pessoas interessadas na obra de Miguel Torga, incluindo alunos – neste Verão passado, promovido pelo Sindicato de Professores no Estrangeiro com apoio da Associação Contacto, Delegação Regional da Cultura do Norte, Câmara Municipal de Sabrosa, Câmara Municipal de Alijó, Junta de Freguesia



de São Martinho de Anta e Solar de Canavarros, em Sabrosa, juntou um bom número de participantes.

Pois estas entidades uniram esforços para, durante três dias (25, 26 e 27 de Julho), cerca de uma centena de amantes Torguianos pudessem conhecer mais profundamente o escritor.

“Revisitar a Obra de Miguel Torga e conhecer os locais importantes da vida do escritor”, era um dos objectivos do Encontro.

A Língua Portuguesa, mais propriamente o **Ensino da Língua e Cultura Portuguesas**, no estrangeiro, foi o segundo ponto mais debatido. Logo no primeiro dia, no Auditório do Hotel Solar dos Canavarros, o Secretário de Estado das Comunidades, António Borges, o Presidente da Câmara de Sabrosa, Orlando Vaz, o professor Manuel Baptista, Procurador Geral-Adjunto, e o professor António Sá (SPE), presidiram à explanação e debate dos vários pontos de vista que os participantes iam apresentando.



A Reforma do Ensino Português no Estrangeiro não reúne consensos. Manuel Sá, da Comissão Executiva do Sindicato dos Professores no Estrangeiro frisou que *“...Relativamente ao concurso de 2006, tem o SPE enviado esforços no sentido de inverter os discursos que têm sido proferidos, nomeadamente em encontros e contactos com responsáveis da tutela, grupou parlamentares e outros responsáveis políticos. Temos prosseguido a justa luta que coloca em primeiro lugar a qualidade do ensino, sem descurar igualmente as expectativas dos professores, criadas ao longo destes anos. Os resultados ainda não são satisfatórios, mas acreditamos que se houver UNIDADE e DETERMINAÇÃO dos professores, será possível conciliar as políticas do Governo, os interesses gerais do ensino e os direitos dos professores. O futuro próximo será determinante para a definição das reformas anunciadas pelos responsáveis da tutela...”*

Na verdade o Ensino, no estrangeiro vai sofrer grandes alterações e a comunidade parece alheia a estas inovações

Do discurso do Senhor Secretário de Estado podia entender-se que o Governo estaria apostado numa reformulação conveniente e necessária a todas as partes: alunos, pais, comunidade, professores...

“Não há destacamento sem haver vínculo a Portugal, a prioridade é manter a língua portuguesa viva. É no professor que os pais vão buscar o alento e a ligação afectiva com a Pátria. Os bons professores pagam-se. Os bons técnicos das empresas





também o são. A prioridade é a valorização da comunidade portuguesa.”

Ainda hoje, não sabemos se a Reforma será tão importante assim e se trará vantagens numa maior divulgação da Língua nas comunidades. Os Encarregados de Educação têm uma palavra a dizer.

É deveras arriscado pôr/impor uma reestruturação sem a comunidade ser ouvida.

Estará nos horizontes do Governo implementar melhor ensino possível, segundo a sua óptica, ou tão somente furtrar-se à responsabilidade de o proporcionar nas comunidades emigrantes cortando drasticamente o orçamento destinado a tal?

Até hoje, e sem mais explicações, somos levados a crer que o móbil da Reforma é furtrar-se a despesas, não a melhorar o ensino. Os emigrantes continuam a ser portugueses de segunda ou terceira classe?

Aguardemos o novo ano escolar!!!

A pós o debate, inaugurou-se a **Exposição de Escultura e Pintura** – “*A exposição que, para além de homenagear, muito justamente, a escultora portuguesa Isabel Meyreles, reúne também um conjunto de obras de alguns dos artistas mais representativos do Surrealismo, em Portugal: Carlos Calvet, Cruzeiro Seixas, Dalila D’Alte Rodrigues, Eurico Gonçalves, Fernando da Silva Fonseca Raúl Perez... Poderá também ser um pretexto para muitos visitantes descobrirem esta belíssima região que faz parte do Património da Humanidade*” (Manuel Sâ).



À noite, o Senhor Presidente de Câmara de Sabrosa, Orlando Vaz e o Senhor Presidente da Junta de Freguesia de São Martinho de Anta, brindaram os participantes com um jantar, num amplo espaço, ao ar livre. Primaram no esmero e na apresentação da gastronomia e produtos regionais de sabores autênticos, além de um serviço exímio e caloroso, tão peculiar do povo do Douro.

Dia 26, pela manhã, já o grupo se organizava em autocarros, cedidos pela Câmara de Sabrosa, rumo a São Leonardo de Galafura e a outros locais que o escritor e poeta Torga assiduamente visitava e o inspiravam.

Momentos únicos. São Leonardo de Galafura coroa socalcos e vinhedos. Lá bem no fundo, o Douro era sulcado por barcos, de cruzeiros, enquanto, entre escarpas e rochas à beira da capela se lia, cantava, declamava Miguel Torga.

Rumar de novo! Alijó! Confraternização com o Senhor Presidente da Câmara, Artur Cascarejo, e entidades do concelho tendo aquele falado, com entusiasmo, das potencialidades do concelho, do património da região e do espírito empreendedor dos seus munícipes.

À tarde, conferência sobre Miguel Torga no Auditório de Alijó a cargo dos conferencistas: D.^{ra} Assunção Morais Monteiro, professora catedrática da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, D.^{ra} Catarina de Almeida e Dr. Rui



de Carvalho, professores e, assumidamente, amantes e estudiosos da Obra Torguiana.

O desejo do bom andamento dos trabalhos foi manifesto na frase inicial de Assunção Monteiro: “Oxalá seja uma ode a Miguel Torga”.

E foi uma ode perfeita e bela. Os conferencistas “serviram” Torga em todas as facetas com extractos da Obra primorosamente escolhidos acompanhados de uma fotobiografia inédita.

Um escritor genuíno e telúrico como Torga a dar razão a Luisa Dacosta “Para cá do Marão mandam os que cá estão; para lá do Marão, mandam os que daqui vão”.



Biografia de Torga? Porquê? “Um poeta não tem biografia, tem destino” (Dr. Rui de Carvalho). No dizer do poeta: *A caneta com que escrevo é a mesma que me escreve.*

A exposição colectiva de pintura de artistas portugueses, residentes no

Luxemburgo, foi inaugurada (2º piso) no Auditório, no final da Conferência.

“Por falta de liberdade ou de reconhecimento, outrora, muitos artistas portugueses elegeram Paris como lugar de destino ou de passagem obrigatória.... Hoje, graças a um espaço de maior liberdade de expressão e circulação, é-nos grato poder constatar que onde há comunidades portuguesas há sonhos e criatividade artística.

Estes artistas, residentes no Luxemburgo: Ana ladeiras, Ana Mendes, David Ângelo, Emília Guedes, Filomena da Silva, Iria Verdelho, Lino Galvão, Manuela Bártolo, Raul Reis, pela variedade das suas obras, são o exemplo vivo da coabitação, um pouco eclética, numa espécie de amostragem



da arte contemporânea portuguesa, com a sua fascinante pluralidade, onde, na mistura de várias correntes e no desejo de manter a própria identidade portuguesa, traduzem nas suas obras a expressão do mundo que os rodeia, num misto de tradição e criação...” (Manuel Sá)

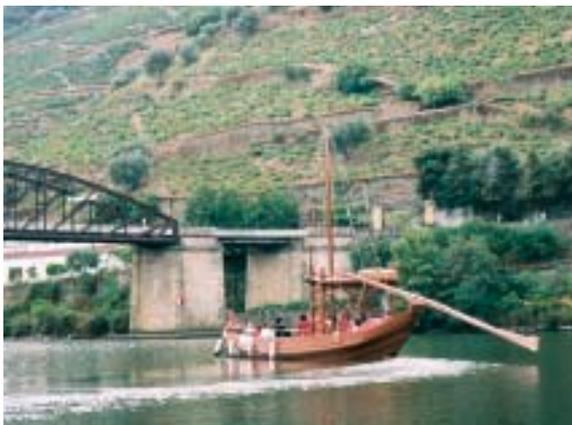
Ao mesmo tempo a Biblioteca Municipal de Alijó expunha telas a óleo versando os vários locais onde Miguel Torga viveu e construiu a sua obra.

O dia 27 foi preenchido com um cruzeiro no Douro e mais tarde uma visita a uma quinta produtora de vinho do Porto .

Algumas explicações foram dadas sobre a escolha de castas, a divisão dos vinhedos e o porquê das diferentes denominações do reputado líquido embaixador de Portugal.

Com um breve “reencontro” na Câmara de Sabrosa encerrou o Encontro que levou a Terras Dourienses os amantes da obra de Adolfo Correia da Rocha.

Actividades destas são de louvar e incentivar. Aproximam-nos mais da cultura, do património e do Portugal profundo que guardamos no coração.





S. Leonardo de Galafura

Galafura, é uma freguesia duriense do concelho de Peso da Régua. O cultivo da vinha é a actividade essencial desta localidade, assim como a produção dos famosos: *vinho fino*, *vinho generoso* e *vinho tratado*; denominações que, por estas bandas, identificam o famoso *néctar*, que por razões comerciais, denominam *vinho do Porto*.

Esta localidade possui um promontório vulgarmente conhecido como o *miradouro de São Leonardo*, homenageando o santo padroeiro da aldeia, cujas festividades religiosas, se realizam em meados de Agosto. A par da capelinha em honra de S. Leonardo e de um parque de merendas, podemos desfrutar, neste local, de uma paisagem única sobre o rio Douro, os socalcos e vinhedos, que se estendem da Régua ao Pinhão.

O escritor **Miguel Torga**, originário desta região, era visita habitual deste promontório (S. Leonardo) procurando aqui alguns momentos de inspiração para os seus escritos, para admirar a deslumbrante paisagem ou, simplesmente, para se dedicar a um dos seus passatempos: a caça, pois abundam, por aqui, espécies cinegéticas como o coelho bravo e a perdiz, entre outras...

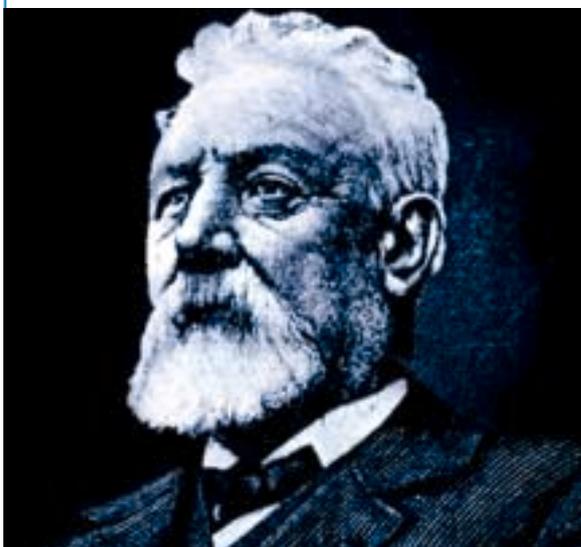
Numa das suas visitas a S. Leonardo, o escritor encontrou um professor desta localidade – Manuel Victória – tendo ambos entabulado conversa de carácter cultural. E, no decorrer desta, o professor ter-lhe-á solicitado, as razões que levaram o escritor a escolher o pseudónimo de **Miguel Torga**. Perante a insistência, o escritor acabaria por confidenciar, que a escolha de **Torga**, se devia à sua ligação ao *húmus* transmontano, pois a *torga* é um arbusto (variedade de urze) predominante nesta região. No tocante à escolha do pseudónimo **Miguel**, se devia ao grande apreço que o escritor nutria por grandes vultos da cultura europeia: **Miguel Ângelo**, **Miguel de Cervantes** e **Miguel Unamuno**... Mas depois de uma pequena pausa, o escritor terá elevado o indicador aos céus e afirmado: – *Ainda falta outro Miguel* – ao que o professor responderia em tom interrogativo: – *São Miguel Arcanjo?!* – Miguel Torga, terá confirmado, positivamente. Esta última referência é deveras curiosa, se tivermos em conta o ateísmo confesso do escritor...

A esta região, Miguel Torga dedicou alguns versos, inscritos, em azulejos, na parede da capelinha de S. Leonardo.



Germano Rocha

“Pessoas” para as pessoas



Júlio Verne

ainda hoje só existem na “mirabolância” das suas obras.

Não foi um clássico do ponto de vista literário mas os seus oitenta romances estão traduzidos noutras tantas línguas e são marcos incontornáveis da história e da literatura universal.

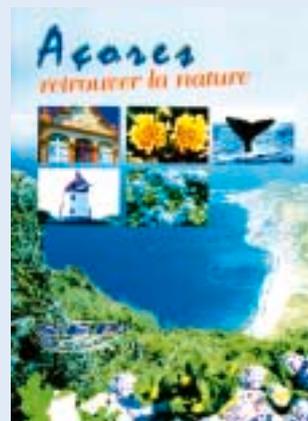
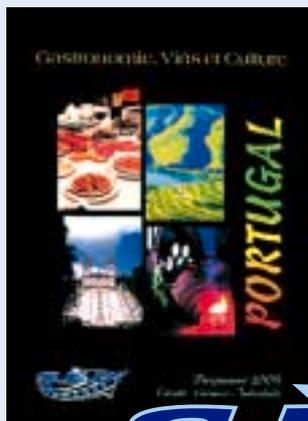
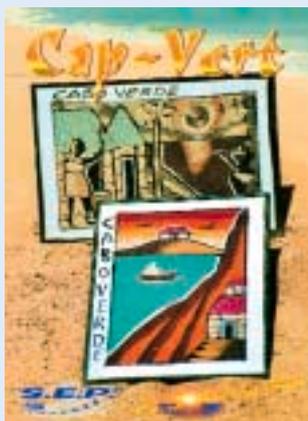
A cidade de Nantes, em França, serve-lhe de berço, em 8 de Fevereiro de 1882. Não sou tarólogo mas subscrevo as teses do “dia da Premonição – oito de Fevereiro – que nem uma luva assenta na personalidade de Júlio Verne.

Os nascidos neste dia têm um sexto sentido poderoso, imaginativo, capaz de ler o futuro, não como um visionário barato mas alguém que possui uma carga de sensibilidade apurada, relativamente às correntes subterrâneas entre as pessoas e as coisas (in *Imagem secreta dos aniversários*).

Júlio Verne, como precursor da ficção, rapta mensagens para as fazer explodir com o calor da aventura, a emoção do acontecimento e da utopia. É arquitecto dum mundo mais povoado

Há cem anos morreu o pai da ficção científica, Júlio Verne. Nasceu e morreu numa época de mudanças e desafios apaixonantes. Cresceu a dar voltas à Terra à Lua numa aventura desconcertante e cultivou, saboreando com ninguém, a profecia da imaginação.

Acertou em quase tudo: o helicóptero, o fax, o tapete rolante, os mísseis teleguiados, o ar condicionado, o gravador. Antecipou todas as invenções do séc. XX, criando novos mundos que



A Agência que lhe propõe e aconselha com dinamismo todos os destinos das suas férias, segundo o seu desejo.

Solicite os nossos catálogos!



L'agence qui vous propose et vous conseille avec dynamisme toutes les destinations de vos désirs.

Demandez nos catalogues!

www.sepvoyages.com
agence@sepvooyages.com

um novo mundo



com ideias do que com pessoas. Alexandre Dumas é conterrâneo e amigo e os dois envolvem-se em proezas que fascinaram gerações à boa maneira do mercador de Veneza, Marco Polo.

A explosão do progresso científico e cultural do século dezanove é inovadora. A revolução industrial, a urbanização e a democratização da vida pública, dão origem ao nascimento duma nova ordem europeia de tendências diversificadas em todos os domínios. São as manifestações culturais da era industrial que geram comportamentos de autênticas revoluções. Duas são, por excelência, o novo rosto da velha Europa nos finais do séc. XIX, precisamente quando Júlio Verne relia o último capítulo de “Vinte Mil Léguas Submarinas”, o livro que a mulher lhe colocou nas mãos antes de partir para a sua derradeira viagem, em 24 de Março de 1905, faz agora cem anos.

A Revolução dos Transportes desalojou muita gente. O novo proletariado das cidades sofreu o choque da perda da sua herança cultural de matriz rural. Esse choque provoca o fenómeno do confronto com outras formas citadinas de viver. A cultura popular evolui e ajeita-se à moda que até então era reservada as classes da grande burguesia. As velhas cantorias, por exemplo, das sociedades recreativas, perdem a carruagem e o povo distrai-se, agora, nas *soirées* dos “Cafés – concertos”, nos cafés parisienses e no *pubes* londrinos. Os primeiros comboios de recreio levam a ruralidade à cidade e o entusiasmo e a paixão, ao futebol, ao circo e ao cinema. Uns afdalgam-se enquanto outros se “acanalham”.

A Revolução da Imprensa popular, moderna e sensacionalista, nasce e também neste final do século dezanove provoca efeitos benéficos.

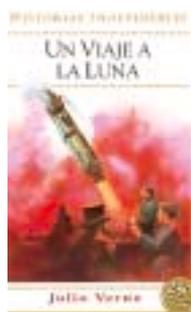
Jornais de província, periódicos ilustrados e satíricos, revistas femininas, levam a opinião de todos a toda a parte.

Paralelamente, os escritores populares alcançam renome com as tiragens das suas obras em folhetins: *Acabana do Pai Tomás*, as aventuras de *Tintim*, *Os Três Mosqueteiros* e a quase totalidade romanesca de Júlio Verne percorrem o mundo “sem detença nem cansaço”.

Atrai-me o século XIX e nele gostaria de ter vivido. É o tempo humanista, sem os mitos greco-romanos mas com heróis à nossa medida. Os filósofos e os moralistas avisam-nos que a técnica nivela costumes e comunica com rapidez bens e males (João Maia).

Guardamos o recado. Mas quando relemos a história com os homens que nela entram – artistas, santos, políticos, visionários, ideólogos, comerciantes – ficamos tranquilos porque nem toda essa gente “confunde fraternidade com a idolatria do homem”.

O século XIX, o século de Júlio Verne, fez as grades revoluções da era moderna, acreditando na aurora de um novo mundo.



Patrimoine architectural

Le Conservatoire de Musique

Ce joyau du XIX^e siècle, réalisé dans le goût italianisant, exprime clairement sa fonction dans ses formes et ses proportions de la Renaissance.

Le néoclassicisme

En Europe, au milieu du XVIII^e siècle déjà, commence une nouvelle phase artistique; les excès du rococo provoquent l'urgent besoin d'un retour à des formes plus simples et plus rationnelles. Aux précédentes solutions erronées, une élite cherche à opposer la saine logique des Grecs, des Romains ou des maîtres du quattrocento.

Le néoclassicisme, en répondant aux programmes du moment, compte de nombreuses réussites

comme, par exemple, le théâtre "Alla Scala" de Milan. Le Conservatoire de Musique, don apprécié des Genevois d'un illustre mécène, est un modèle de valeur, avec quelque heureux rappel palladien, de l'architecture néoclassique à Genève.

Un temple dédié à la musique

Le 12 novembre 1852, Jean-François Bartoloni, soutenu par son frère Constant, écrit au Conseil d'Etat pour obtenir la cession gratuite d'un terrain afin d'y élever, entièrement à ses frais, un édifice destiné à l'enseignement public de l'art musical. Par la loi du 23 avril 1853 et par l'arrêté du Conseil d'Etat du 22 mai 1855, un terrain lui est concédé, hors des anciennes défenses, au sud, zone destinée à l'agrandissement de la Cité.

En 1822, la République de Genève, rattachée depuis sept ans à la Confédération, compte au total quelque 51 000 âmes; le moment est jugé



Jean-François Bartoloni
(1796 – 1881)

Millennium

bcp

A v i d a i n s p i r a - n o s

Genève:

Rue de Lausanne 54 • 1202 Genève
Tel. 022 908 38 48 • Fax 022 908 38 45
Tel. câmbio 022 908 38 40

Lausanne:

Place Chauderon 18 • CP 5343 • 1002 Lausanne
Tel. 021 320 99 32 • Fax 021 312 46 34
Tel. câmbio 021 323 51 34

Zürich:

Wyssgasse 6 • 8004 Zürich
Tel. 044 296 60 40 • Fax 044 240 50 45
Tel. câmbio 044 240 50 46

genevois de la Place Neuve

propice à l'expansion de la ville au-delà de ses fortification dont la démolition est décidée en 1849.

Jean-François Bartoloni

D'origine toscane, né à Genève en 1796, après avoir été employé de commerce, puis de banque, J.-F. Bartoloni se lance avec succès dans les affaires et y fait fortune.

Dés 1844, il attire l'attention des syndics sur l'avantage de relier, par chemin de fer, Genève à Lyon et à la Provence.

C'est donc à lui que l'on doit cette toute première ligne dont il devient le premier président (Compagnie ferroviaire Lyon-Genève).

Jean-Baptiste Lesueur

A peine la concession du terrain obtenue, Bartoloni choisit l'architecte du futur Conservatoire en la personne de Jean-Baptiste Lesueur, Prix de Rome, né en 1791 à Clairefontaine (Seine-et-Oise), élève de Charles Percier et d'Auguste Famin; son principal envoi de la Ville éternelle a été un essai de restitution de la Basilique Ulpia sur le Forum de Trajan.

La première pierre du Conservatoire de Musique est posée le 14 juillet 1856. Les travaux sont achevés en 1858. D'un étage sur rez-de-chaussée, il se dresse élégamment sur l'actuelle place Neuve, avec un certain nombre de statues sur la balustrade de couronnement de la toiture ou logées dans les niches des façades ou sur les colonnes aux côtés du palais, qui reprend la succession classique des ordres: les colonnes du rez-de-chaussée sont toscanes, celles de l'étage sont ioniques. Le coût total de la construction a été d'environ 500 000 francs de l'époque.

Des nos jours

Le 24 janvier 1979, le Conseil d'Etat déclare le Conservatoire de Musique monument classé au sens de la loi cantonale sur la protection des monuments, de la nature et des sites. La Fondation



Conservatoire de Musique de Genève, façade principale, sur la place Neuve

du Conservatoire restituée au Canton de Genève le bien-fonds sur lequel a été construit l'édifice; elle bénéficie désormais d'une servitude de superficie; en échange, l'Etat de Genève, avec le soutien de la Ville de Genève et de la Confédération, prend à sa charge la restauration et l'entretien de l'enveloppe extérieure de l'édifice.

En cette fin du XX^e siècle, d'importants travaux de restauration ont déjà été effectués pour un total de 4 300 000 francs.



Conservatoire de Musique, niches et sculptures (sur face latérale)



Conservatoire, face ouest (rue du Général-Dufour), restaurée (1990)

Camões e luso-descendentes

Sedutor de Leonores descalças
A caminho da fonte de cantarinha
Bardo em estúrdias e serenatas,
De verbo doce de gerar moinha.

Desdita de abrir a princesa coração
Torrente de inveja se abre no Paço
Sofre em calabouços de prisão
E no traidor mete a lança de aço!

Engaloiado em torre de menagem,
Tiro perdido de árabe emboscado
A perdigão faz perder a plumagem.

O falcão faminto mais aguerrido
O manda para a Índia embarcado
Entretecer poemas do vivido. (M. P.)

Luís Vaz de Camões (1524 -1579), em “Os Lusíadas”, mostra ser um apaixonado pela História de Portugal, comprometido com ideais que marcaram gerações passadas e futuras. Pela via da pena e da lança reflecte e participa em vários teatros de operações. Em poema épico deixa análise sobre as origens de Portugal, a adolescência da Pátria, a matura idade e o declínio. Camões é nauta de talento, de conhecimentos a perder de vista, vertidos em obra, que é motivo de orgulho nacional. Dá-nos a conhecer uma parte do mundo calcorreado sob o signo de ilustre desconhecido. A sua polifacetada cultura dá as mãos para nos estender a bandeja repleta de iguarias sem igual. A essência da Obra mergulha num passado vertiginoso, traçando cinco séculos de História – de reinos prodigiosamente ricos de acontecimentos – que forjaram a idade heróica, a idade de ouro da



Vénus ensina às Nereides o caminho da Ilha dos Amores

história nacional. Como explicar o formidável sucesso de um povo pequeno no concerto das grandes nações que conseguiu viver e expandir-se? O nauta – combatente de inquestionável dignidade face ao medo, ao risco, à fadiga, às feridas e à morte – encontra-se desprotegido de rede protectora. Está inserido numa sociedade dinâmica e em movimento de que Camões nos revela a engrenagem e o funcionamento. O poeta não está distanciado de séculos do acontecimento que canta, está no seu epicentro e é artífice pela espada e pela pena. A história pessoal de dois exílios-deportações, o norte africano e o oriental, permitiu-lhe viver na primeira pessoa experiências e ouvir récitas de testemunhas hostis ou favoráveis, contactar com actores de vários planos, conhecer pormenores de uma aventura transformadora do mundo. Camões suscitou igualmente questões teológicas capitais,

na ilha angélica



As Ninfas na Ilha dos Amores

pondo o homem contemporâneo e não Deus como agente de transformação do mundo. Inspirado ao rubro, pelo efeito de plantas e mezinhas especiais, levantou os olhos e voou para o esplendor das esferas celestes. E embarcou para uma prodigiosa viagem em torno da máquina do mundo, universo de concepção ptolemaica: Marte, Vénus, Mercúrio, Júpiter...

Para explorar as infindáveis riquezas que o globo terrestre comporta, Os Lusíadas são excelente guia. Canto após conto e à medida que as estrofes desfilam, conduz-nos por mundos sagrados ou profanos, por mundos leigos ou científicos, com linguagem própria, manifestando conhecimento da arte de navegar, bélica, astronómica, política, sentimental, da botânica, etc., etc..

A vida e a amizade com o médico Garcia da Orta, em Goa, fizeram de Camões um admirador de plantas medicinais e flores. No canto nono, mostrou ser narrador do limite. Os raros sobreviventes que haviam largado de Lisboa a 8 de Julho de 1497, capitaneados por Vasco da Gama, depois de três meses na Índia, e já de regresso à Pátria em 1498, têm o prémio, por sofrer e por cumprir. É o fim do desespero. Conjugaram-se as adversidades de uma caminhada árdua e traiçoeira. Vão viver instantes que será posto à margem do tempo, isolado do ritmo e da medida, instante supremo e corolário de uma vida. A deusa Vénus prepara o local e a recepção. No secreto fundo marinho Flora e Zéfiro decoram espaço inebriante. Que profusão de árvores, de essências e de aromas de eterna Primavera! Floresta pigmentada onde pinheiros resinosos e arbustos agrestes e árvores de fruto de pomos odoríferos e flores rastejantes se entrelaçam e se miram: cidreiras e cerejeiras e amoras e lírios e violetas e narcisos espelhados em

superfície aquática. E animais e aves abrem sinfonia, comunicando entre si: cisnes e gazelas e lebres e passarinhos. O arvoredo encavalitado sobe da praia até ao tecto dos outeiros. Ninfas são sensibilizadas para a excelência de acções de heróis anunciados por trombetas cujo eco corre pelos cantos dos oceanos. Tocadas por flechas embebidas em essência de fabrico secreto, nos secretos mistérios das ervas geradoras de paixão, e disparadas por Cupido e sua legião, as Nereides aguardam nautas de fama, depois de terem aprendido de Vénus algumas receitas eternas da arte do charme e do amor... A coreografia do local é digna de paraíso. Vénus faz emergir a ilha, ancorada, interpondo-a na rota dos portugueses. A necessidade dos nautas se abastecerem de água e géneros fá-los escolher uma enseada amena onde desembarcam. Armam-se e preparam-se alguns para a tarefa da caça, meditativos outros à sombra de árvores em ilha de águas puras. Num ápice, uma chuva de estrelas cadentes cintilam no fundo dos olhos de Veloso eternamente ávidos de curiosidades e incendeiam-lhe os sentidos. Uma natureza luxuriante povoada por seres que não quiseram metamorfosear-se em cascatas são alimento de olhos que não crêem no que vêem. O relâmpago, em olhares sedutores que se cruzam, processa-se. Veloso revê-se em pleno Éden. As Nereidas, vestais do amor, votadas a deuses ou homens de alto valor e estirpe, banham-se, descuidadamente, mais além, entre ramos, sombras que se movem... um corpo, depois outro dissimulado em natureza tropical, meio coberto por tecido de lã ou seda fina, outros totalmente nus provocam grito de alerta do herói vagabundo de matas africanas, incapaz de resistir à beleza do quadro. As formas sensuais, mostrando-se em plena praia ou por

Camões e luso-descendentes na ilha angélica

entre arbustos e riachos seduzem, excitam e acendem apetites oprimidos. Uma vez identificado o alvo, cada luso-descendente envolve-se na perseguição da sua fugitiva. O esconder que não se esconde, e o não querer que se quer, provocam a



Vasco da Gama na Ilha dos Amores

perseguição entre o aqui me levanto e ali logo caio, em contentamento que parece descontente. A terra, o vale e os outeiros estremecem. A curta súplica liberta do interdito o que corre provocando, na perseguida de cabelos polvilhados de ouro, um desejo escaldante. Em torno da memória, questiona-se Leonardo como viver quando o passado sentimental tinha sido tão frustrante? Com tão temíveis recordações como poderia desfrutar das alegrias do momento? Desejando o amor é necessário enganar a espera. O reviver de tão áspero passado seguido de uma série de súplicas faz-nos participar, ofegantes e de coração saltando do peito, minutos de emoção, de dúvida e esperança e por fim de felicidade. Leonardo sentiu as nádegas, depois o corpo da Nereida voltar-se sob o efeito de carícias e de beijos antevistos. Retido o passo num enlace emparelhado, os joelhos dobram-se, os corpos caem num abandono gracioso e cúmplice, em mata triangular da cor do sol e mais acima outeiros de veludo. Os desejos libertam-se em

música que ecoa pela floresta. Corpos sacudidos por sobressaltos afogam-se numa embriaguez de felicidade reencontrada. Vale perfumado por profusão de essências e de aromas. Festim dado a papoilas excitadas pelo sabor de rubicundas romãs em solo coberto por nuvens de pétalas rosadas, caídas à passagem dos cisnes.

O canto nono será uma pérola de literatura erótica? Quer Camões explicar o anunciado adultério do Velho do Restelo e a sátira social do auto da Índia e da farsa de Inês Pereira de Gil Vicente? O fazer aguada e abastecimento é dádiva oferecida a grupo de cavaleiros nómadas dos mares pela continuação do êxito da viagem. O que usufruem é prémio supremo não pelo rei dado, mas por ninfas que lhes enobrecem as cabeças de coroas entretecidas de ramos de loureiro, oiro e flora abundante. A ilha não é perversão; a ilha é divina, a ilha é angélica; atributos dados pelo poeta. A ilha é mensagem outra que não o prazer. Os cisnes transportadores de Cupido em carro celeste são as almas voando em direcção a uma residência superior. O mito exprime muita vez mais do que uma crença metafísica, uma ideia moral, a convicção de que o repouso e paz num mundo no além, devem ser merecidas como prémio por se ter levado a existência corajosa, laboriosa e virtuosa. Quanto à coragem dispensada no mundo terrestre na caça, nos desportos e torneios perigosos, no dever e exercício militar, no trabalho quotidiano do camponês, do artesão, do comerciante, do letrado, do marinheiro tem um prémio. A vida futura na ilha angélica, onde cada um pode entregar-se ao relaxamento favorito, honrado como herói, quase divinizado, admitido na companhia das Ninfas e das Musas fá-lo-á provar as alegrias superiores do amor, da inteligência e da arte, sem esquecer as festividades de um infindável Banquete em palácio de cristal de prazeres divinos na eterna pousada refulgente da deusa Tétis.

Dimitrana Djukic

As Belas-Artes são universais e ainda bem. O belo é belo em qualquer parte da Terra, e, os homens podem irmanar-se na poesia, na música, na pintura...

Dimitrana DJUKIC trouxe até nós, um pouco da sua Macedónia numa pintura singular, naïf, profundamente poética.

Diz-nos que: *“pintar é esquecer o sofrimento, as angústias quotidianas; pintar é libertar o eu poético e sensível que há dentro de cada um de nós.”*

Esta artista oferece-nos uma paleta de cores múltiplas, regidas pelos verdes translúcidos, azuis intensos e vermelhos cálidos, impetuosos até.

Paisagens marítimas, orlas costeiras, densas florestas pontilhadas de flores e figuras humanas de olhar nostálgico de poses serenas num contemplativo desdém.

É preciso intuir os temas de Dimitrana de alma lavada, revestida de inocências contemplativas. A sua arte conduz-nos à pureza de paisagens invioladas. Será a constante luta que trava para esquecer o sofrimento que a leva a idealizar recantos felizes?

Sublima a angústia nas telas pintadas a óleos de cores cativantes e apelativas.

Da Macedónia trouxe a força que lhe permite trabalhar (em Lausanne), responsabilizar-se pela família, escrever e...depois, no seu ateliê, libertar-se de constrangimentos, soltar o rio de sensibilidades e oferecer, nas suas telas a paixão e a riqueza de imaginar a vida, o mundo, belo como o arco – íris.

Obrigada e coragem, Dimitrana.

Mafalda Oleiro





PESSOAS, número 17, trazia um belo artigo sobre o *Puppenhausmuseum* ou a Casa do Museu das Bonecas, em Bale, da autoria de M. Passarinho, que nos fazia regressar à infância povoada desses brinquedos. Sabemos que os espanhóis, portugueses e italianos são os mais exímios executores dessas preciosas obras de arte. Questão de sensibilidade?

Por falar de colecções de bonecas, lembrámos Luci Bento, pintora, que tem uma das mais belas. Fazendo jus, segundo os críticos, ao gosto apurado dos portugueses por estas pequenas maravilhas.

Mas Luci Bento afirmou-se na comunidade e internacionalmente, não pelas suas bonecas, mas pela sua pintura.

Entrando em vários espaços públicos da comunidade e não só, com certeza se deparou

com belíssimas telas, de grande variedade temática, identificadas com um nome: Luci Bento.

Esta artista plástica, residente em Lausanne, fez da Suíça o segundo país, sem preterir raízes natais e projectos de retorno ao luso torrão.

É natural de Partida, Vale de Figueira, Castelo Branco. Sentiu, aí, o despertar para o mundo cromático que lhe alimentava sonhos de infância. Na escola Primária, à pergunta sobre o que seria, no futuro, prazenteira respondia: - *Médica dos meninos e pintora!*

A pediatria ficou no sonho, porque aos 10 anos teve que abandonar a escola, mas o ser pintora, embora tardiamente, concretizou-o e concretiza-o, ainda agora, com paixão denodada: - *O importante é intuir a vida a cores* - frisa-nos. Apesar das vicissitudes de um quotidiano emigrante e da instabilidade conjugal, consegue transcender-se no papel de mãe (três filhos) e nos pedaços de tela eivados de cor.

“Enquanto viver, não pararei de pintar”. Seria uma grande desilusão, para os admiradores, se esquecesse os pincéis... Habitou-nos a paisagens irreais, a floradas apenas no imaginário de quem já transpôs vulgaridades. E os pincéis, os lápis, as esferográficas, lavram telas de sensações, sentimentos e sensualidades. *“Não dou títulos aos meus quadros, quem os olha encontra-lhe o sentido e nomeias no seu coração”*. O lado feminino transvasa na exuberância das flores, na subtileza dos nós, na multiplicidade figurativa. Conjuga, ainda, materiais vários e complexos que, não fossem artisticamente enquadrados e embrulhados em conotações, resultariam despropositados. *“Na pintura deixa-se falar a alma e transpirar sensibilidades”*. As técnicas bases foi buscá-las aos cursos de Pintura na Escola de Artes Virsuais, SNC Grobéty et Vögeli e Pintura a óleo e Desenho Académico em *Lausanne*. Depois foi desbravar

Bento

outras vertentes; refira-se os trabalhos com areia tão primorosamente executados que mereceu a melhor aceitação da crítica.

Restam-lhe alguns momentos livres na criação visual? Poucos, mas emprega-os na Escola de Pintura, para jovens, em *Lausanne*, na decoração de sapatos – estiveram expostos no *Salon de Palexpo, Genève*, concurso “*Le Créa d’Or*” – e na invulgar colecção de bonecas que sublimam o desejo maternal de não ter uma filha e de serem brinquedos que a infância, menos venturosa, lhe negou.

A terra natal irá um dia rejubilar com uma Fundação e uma escola para iniciar, nas Belas – Artes, os mais jovens. Não duvidamos da concretização de mais este sonho. Luci Bento é a determinação personificada, a solidariedade imbuída de cores doces, quentes, que nos incentivam a amar a vida. “*És como uma flor de mistério / Quem será capaz de a descobrir? / Vives, pintora, num mundo etéreo / Onde estás sempre a degar, sempre a partir.*” (M. Silva Palma)

Oxalá continue o encantamento de todos nós com as telas onde, continuamente, esta virtuosa pintora, derrama emoções.

Mafalda Oleiro

Atelier de Peinture Luci-Bento

Cours de peinture à l’huile
Rue de Genève, 97, porte103
Lausanne
021 646 72 04 – 079 298 49 69

Expositions Permanentes

Centre Démocratique
Av. Tivoli,62
Lausanne
S. Porto
Rue de Genève, 98
Rue du Petit Chêne, 9
Lausanne



Antônio

Professor catedrático da

Dois modernos edifícios, lado a lado, enquadram o *campus* universitário das várias Faculdades, da Universidade de Lausanne. Percorrendo os edifícios da *Faculté des Sciences Humaines, Faculté des Géosciences et Institut de Géographie et de l'Environnement* cruzamos com vários grupos de jovens estudantes trocando

impressões sobre “*Valorisation et vulgarisation de Sciences de la Terre*”; discutindo junto dos inúmeros computadores, espalhados por aqui e por ali; bebendo café no bar; trocando livros e apontamentos; sentados na esplanada debatendo o tema da aula “*Développement urbain durable, Gestion des ressources et Gouvernance*”; enfim, é um “templo da ciência” que, neste fim de tarde, apetece habitar. E, quem o faz com prazer, todos os dias, desdobrando o tempo entre as aulas, os laboratórios de investigação, colóquios de formação e informação, biblioteca, pesquisa e escrita é o nosso entrevistado. Gabinete... 5°. Andar. Antônio da Cunha - Professeur, não nos enganamos. Queremos conhecer o homem que ergue a bandeira do associativismo, que se bate pelos emigrantes – consagra meio dia por semana, ao Fórum dos Emigrantes, em Berna – e lamenta não concretizar mais objetivos porque, socialmente, o peso da filiação partidária é maior que o peso da filiação associativa. É natural de Aveiro, São João de Loure: *É uma terra mágica... porque é minha!* – diz-nos. Casado em segundas núpcias, tem dois filhos (20 e 10 anos) e muitos mais anos de vivência helvética (35 anos) do que de vivência lusa. Batemos à porta! Amável, acede conversar e, ao mesmo tempo, honra-nos como guia através da sua Faculdade.



da Cunha

Universidade de Lausanne

Quem é António Jorge Ribeiro da Cunha?

Uma pessoa como todas as outras, simples, que tem um trabalho e uma família e que gosta da vida.

E o trabalho é?

Sou professor universitário. Dirijo, actualmente, o Instituto de Geociências da Faculdade, em *Lausanne*, sou formado em Economia e Geografia. Trabalho nesta Faculdade há 4 anos; depois do percurso habitual, na carreira docente, hoje, sou aqui professor catedrático.

P - Como é esta Faculdade e como é aqui, o seu dia-a-dia?

É a Faculdade mais jovem da Universidade. Nasceu há dois anos, reagrupando vários Institutos de Investigação e de Ensino naquilo a que se chama *Geosciences*, Ciências da Terra, das quais a Geografia.

A ideia que deu nascença a esta Faculdade foi, ao fim e ao cabo, criar um ensino interdisciplinar que possa instrumentar, os nossos estudantes, de meios teóricos e métodos que lhes permitam pensar no meio ambiente de maneira interdisciplinar e, numa perspectiva transversal, que reúna os argumentos das Ciências Naturais e Sociais e que se reveja, ao fim e ao cabo, no ambiente como resultado das intervenções humanas reguladas por políticas ambientais, políticas do território e de ordenamento urbano. Tudo isto com o objectivo de melhorar as condições naturais e a qualidade de vida. É esta a filosofia desta Faculdade e do Instituto de Geografia onde estou integrado. Agora, quais os ensinamentos que ministramos? Há dois tipos de ensinamentos especializados: Ciências Naturais e

Ciências da Terra: geologia, hidrologia, vulcanologia... e ciências humanas. A Geografia é uma ciência social. Há também todo um conjunto de ensinamentos virados para as políticas do ambiente e do território, como frisei atrás.

Digamos que toda a gente comenta políticas ambientais, parece que entraram na moda.

Estão sempre na moda, porque são fundamentais.

Fundamentais mas completamente descuradas em Portugal. Assiste-se, todos os anos, à destruição florestal do país...

É uma catástrofe enorme.

Com formação catedrática em Ciências da Terra ou Geociências, pode apontar algumas razões que levam à destruição pura e simples do território de todos nós?

Por deformação profissional... (risos)... nunca penso numa causa, mas em várias causas, nas situações complexas. Esta situação que se vive em Portugal, decorrente dos incêndios, tem causas múltiplas. O que se aponta neste contexto? O facto de não haver uma gestão florestal digna desse nome. As espécies resinosas que estão plantadas em Portugal – pinheiro, eucalipto... – não são espécies tradicionais. Nos últimos 150 anos, houve uma reflorestação, no conjunto do país, com espécies resinosas que



Antônio da Cunha

ardem facilmente. A flora, o revestimento florestal mudou muito mas não no bom sentido. Depois, na gestão florestal, não se previram esses fogos deixando espaços livres na floresta. Há, também, as causas propriamente humanas: aumentou a circulação de pessoas em todas as zonas do país, quer dizer, a mobilidade destas tornou-se mais intensa entre regiões. Com o aumento do consumo dos lazeres leva a que haja mais riscos devido à imprudência dessas pessoas... E, depois, há as políticas que se fazem, no papel, e não se aplicam: como na questão de limpar os espaços à volta de zonas urbanas e de propriedades particulares. Não há meios e também não há responsabilidades. Veja, as pessoas não são responsabilizadas. E as secas, derivadas de alterações climáticas, também são responsáveis por esta situação. Há, ainda, a questão da criminalidade. Não podemos ser angélicos e dizer que não há interesses de vária ordem, nestes incêndios. Claro que há! Sabemos que há pirómanos por todo o lado, em Portugal, e que são capazes de incendiar o país. Mas, mesmo com essa certa dose de piromania e de criminalidade, não se devia sentir tanto o impacto se a vulnerabilidade da floresta portuguesa fosse menor. E há muitas..., muitas outras causas que se vêm juntar a estas.

Regressando a este *meio ambiente* bem ordenado, encontra nesta Faculdade muitos alunos lusodescendentes?

Esta Faculdade não tem muitos alunos porque é relativamente nova, entre eles deve haver três ou quatro de nacionalidade portuguesa, não mais. O Instituto de Geografia estava anteriormente filiado à Faculdade de Letras e aí, volta e meia, encontrava alunos portugueses o que não se passa aqui.

A futura geração talvez dê mais alunos ao ensino superior...

Eu espero que sim. Não há nenhuma razão especial para que assim não seja; mas o que se nota, ainda, na população portuguesa é que continua a ser discriminada no ponto de vista do ensino, tem mais dificuldades de acesso.

Talvez não deva usar a palavra discriminação. É violenta. A discriminação implica uma acção voluntária que impede as pessoas de progredirem na sua carreira, na sua formação e isso não acontece aqui, como sabe.

O que se verifica é que a população portuguesa, da segunda geração, tem mais dificuldades de acesso ao ensino superior, enquanto a população suíça, da mesma idade, está mais representada... Há muitas causas a questionar: será o meio social? Dificuldades de integração? Será o ensi-





no selectivo? Há uma série de factores que possivelmente irão influenciar e jogar em desfavor no acesso a este ensino.

Mas acontece também que há matéria para optimismo, felizmente, porque as comunidades emigradas há mais tempo, como italianos e espanhóis, hoje estão em pé de igualdade com os suíços no acesso ao ensino superior. Portanto, aqui, há um motivo de esperança na integração progressiva da nossa comunidade.

Docente na Faculdade, investigador, redactor de temas científicos, colaborador em jornais e revistas... Diz adeus aos tempos livres para os consagrar ao movimento que parece ser uma das meninas dos seus olhos: O Associativismo.

As funções que eu desempenho no campo associativo, digamos, neste combate, já antigo, pelos direitos cívicos, pelos direitos dos emigrantes, pelo reconhecimento da igualdade de direitos à comunidade migrante, organizo-a através de três pólos de intervenção: **Federação das Associações Portuguesas na Suíça**, da qual continuo a ser presidente; **Comissão Federal de Estrangeiros**, da qual sou membro não sei há quanto tempo e membro da Comissão Política da mesma; **Fórum para a Integração Migrante na Suíça** que agrupa Federações de Associações de cerca de 50 nacionalidades e da qual sou presidente.

Comissão Federal de Estrangeiros, mais especificamente é ...

É uma Comissão nomeada pelo Conselho Federal, formada por 50 membros agrupando

um certo número de personalidades suíças representativas de diferentes quadrantes: igrejas; sindicatos; administração, sobretudo; organizações não governamentais... e, pelo lado das associações, os representantes das várias comunidades - espanhola, turca, italiana... e representantes das minorias. Os membros para essa Comissão são designados pelo Conselho Federal. Alguns fazem a candidatura individualmente e outros uma candidatura colectiva, ou seja através de uma Federação.

A Comissão reúne periodicamente? Sempre com agenda definida?

Reúne cada dois ou três meses, sempre com temas definidos para discussão. O objectivo principal desta Comissão é aconselhar o Conselho Federal sobre as políticas de integração dos migrantes. Hoje, e há 3 a 4 anos a esta parte, a Comissão é dotada de fundos de financiamento (baseado no Artigo que versa a Integração) com cerca de 14 milhões de francos, o que lhe permite ter uma nova função: apoiar projectos que beneficiem a integração da população migrante, na Suíça. Para tal vertente, a Comissão, tem um comité que avalia as propostas de projectos que são apresentadas por associações e até por cantões e decide quais os projectos que devem beneficiar de apoio financeiro.

E que papel desempenha a Federação de Associações Portuguesas na Suíça?

O papel da Federação é tentar agrupar a comunidade portuguesa, que às vezes não é simples, através das associações portuguesas e intervir junto

Antônio da Cunha

das autoridades suíças, com uma finalidade muito simples ou seja, melhorar as condições dos migrantes nos diferentes aspectos: direitos fundamentais e direitos cívicos, tempos de lazer, escolaridade, melhoria dos serviços consulares e da escolaridade dos miúdos na língua portuguesa.

Daí o seu empenho e da Federação em jornadas pedagógicas que versavam a Língua Portuguesa e o insucesso escolar... A Federação encara o insucesso escolar como um problema a erradicar?



O insucesso escolar da segunda geração, aqui, é grave. Os jovens portugueses estão mais representados no ensino que dá menos acesso a bons empregos, digamos: estão mais representados em classes especiais; têm uma taxa de insucesso escolar mais elevada que os suíços e certas comunidades estrangeiras como a italiana, espanhola e outras.

Nós estamos na pior escala juntamente com os turcos e com algumas comunidades da Bósnia, Croácia, Albânia...

Acha que isso também tem a ver com o grau de escolaridade dos pais e até à forma como está estruturado o ensino da língua materna?

Sabe que, há alguns anos, fizeram-se vários estudos científicos encomendados, ou pedidos, a estudiosos, especialistas dessas questões. A própria Universidade bem como o Ofício Federal de Estatística e a Comissão Federal de Estrangeiros encarregaram-se desse estudo e têm-se pronunciado sobre o assunto.

Portanto a razão fundamental do insucesso passa por uma multiplicidade de causas: desajustamento entre o sistema escolar suíço e o português; quando vêm, os miúdos são submetidos a uma pressão enorme e a uma selectividade no ensino – que aqui é maior e começa mais cedo. Sendo esta uma das causas importantes, não única.

A seguir aponta-se o meio social. Os portugueses que estão aqui têm níveis de formação e escolaridade relativamente baixos em relação à população suíça e mesmo à própria população migrante e isso reflecte-se no apoio que os pais podem dar e no apreço que podem ter na trajectória escolar dos filhos. Sabe-se que é um problema importante e aparece amiúde.

Depois há a questão da Língua, para os que



chegam; o desajustamento e se se juntar a isso uma parte que é a discriminação dos próprios professores – que até pode ser inconsciente – logo encontramos reflexos na inserção profissional dos jovens.

Sabe que um estudo recente mostrou que os patrões, no momento da selecção dos aprendizes, discriminam, sistematicamente, certas comunidades. Verifica-se isso através de uma metodologia muito simples: envia-se um *curriculum vitae* exactamente igual ao de outros candidatos mas com um nome suíço e uma outra fotografia, claro. Consta-se depois que a escolha, o admitido, não é o de nome estrangeiro, mas o suíço. O patrão acaba por preferir certas origens de emigrantes.

Acha que a Federação das Associações Portuguesas na Suíça poderia ter peso na transformação da mentalidade da comunidade portuguesa?

Eu não sei se a mentalidade devia ser transformada...

A melhor forma de nos fazermos aceitar.

O que nós devíamos fazer, e aí estamos a entrar no campo de estarmos ou não integrados, era evitar certos comportamentos que nos levam a afastar-nos, a isolar-nos.

Dizem que a comunidade portuguesa está bem integrada mas eu, particularmente, não partilho dessa opinião. Acho que está bem inserida profissionalmente de resto... Por exemplo, neste cantão de Vaud, ainda há pouco, a taxa de desemprego dos portugueses era inferior a taxa de desemprego dos suíços e, sobretudo nas mulheres, há uma taxa de actividade mais forte. Não é caso que serva de modelo para toda a Suíça, mas neste cantão assim é. De maneira geral, os portugueses,

estão bem inseridos, mas há sempre aquela imagem de que o português é “invisível”. É uma emigração que vive à parte, fechada nas associações ou noutros locais onde se encontra entre si.

Por um lado, é normal que haja essa sociabilidade pois conhecem-se, partilham a mesma língua, costumes, tradições... Por outro lado há um desinteresse pelo que se passa na sociedade de acolhimento que a seguir vai recair na posição dos filhos e criar dificuldades de integração. Há pouco não falámos da vontade, que há sempre, de regressar. “O projecto do regresso” que leva tantas vezes à não integração. Estamos sempre à espera de ir embora e, às vezes, acabamos por ficar 30 anos... “O projecto de regresso” que leva os nossos filhos a comungarem dele, desinvestindo na integração.

Na verdade temos uma série de comportamentos colectivos que impedem um melhor ajustamento ao país onde vivemos e onde podemos ser felizes, sem esquecer as referências culturais, importantes para continuarmos a ser aquilo que somos.

Como acha que vai decorrer a votação (25 de Setembro) sobre a livre circulação de pessoas? António Cunha, cidadão, é por ou contra?

Pessoalmente, sou pela livre circulação das pessoas, evidentemente, na Europa e no mundo. Acho que deve haver sempre lugar para todos, em qualquer parte da Terra. Uma só Terra para o conjunto da Humanidade e, colectivamente, nas organizações onde estou implicado: tanto na Comissão Federal para os Estrangeiros, como na própria Federação apelámos ao voto na livre circulação.

Agora, nós sabemos também que é difícil vencer as resistências, o medo e as reticências da população que vai votar. Digamos que estou um pouco apreensivo.

Não acha que paira o fantasma do medo de perder o emprego?

Eu acho que sim devido à precariedade de emprego que se vive por essa Europa fora. Na Suíça talvez menos que noutros países, mas também existe medo. As pessoas têm receio da concorrência dos outros trabalhadores. Será esse receio fundado? Eu digo que não, porque o tipo de formação e o perfil profissional das pessoas que vêm hoje para a Suíça não é provavelmente o mesmo que o perfil profissional e as qualificações que o mercado requer, tal qual como se encontra segmentado. Ao mesmo tempo, nos últimos dois anos, notou-se alguma concorrência e daí uma tendência à baixa de alguns níveis salariais.

A chave desta questão está nas chamadas Medidas de Acompanhamento. Através das convenções colectivas e de uma fiscalização das condições de trabalho, consegue-se, de facto, que a Suíça esteja aberta e, ao mesmo tempo, que as condições dos trabalhadores, aqui residentes – estrangeiros ou não – sejam protegidas, nas condições actuais, e não haja concorrência entre trabalhadores que leve a uma baixa salarial e a uma degradação das condições de vida.

Agora, digamos que a Esquerda e uma parte do Centro Direita têm tentado levar a cabo esta campanha dizendo que se vão reforçar as Medidas de Acompanhamento. O que é certo é que a mensagem tem sido pouco credível visto os inspectores de trabalho serem em número muito reduzido para o conjunto de empregos e de empresas que há por aí fora. De maneira que, embora os argumentos sejam bons, são pouco convincentes numa altura em que a situação se precariza para uma parte muito significativa da população.

Outras eleições se avizinham, as autárquicas e presidenciais, em Portugal. Os emigrantes estão

desligados desses assuntos? Quando podem votar fazem-no em pequeno número. Será a lonjura dos locais de voto que influencia na participação só de dois ou três por cento da comunidade?

A descentralização era importante. A Federação já reclamou para que se tivesse isso em conta. Era uma medida muito simples. As pessoas desinteressam-se porque há apenas 4 ou 5 locais de voto, para a Suíça toda, e as grandes deslocamentos desencorajam. As associações e espaços associativos podiam funcionar como locais de voto. Talvez aumentasse de forma significativa a participação dos portugueses. Mas, evidentemente, que isso não é a única causa. Nós vivemos num contexto diferente. Não vivemos os debates políticos da mesma forma que se vivem em Portugal. Temos uma maneira





mais desligada, mais longínqua. Portanto, haveria necessidade de animar esses debates. Fazer renascer o interesse por eles nos membros da comunidade. Ora, e aí, há uma responsabilidade que é partilhada, e, realmente, aos partidos políticos não têm prestado a devida atenção. Aqui, investem pouco nas campanhas e até nós somos pouco representativos na Assembleia. Gostaria mais que essa representação fosse feita em número suficiente de deputados, em proporção ao que nós representamos na população portuguesa, por exemplo. Nesses termos, levaria a que houvesse, talvez, uns 50 a 60 deputados. Seria melhor do que ter só um pela Europa. E aí, talvez, as coisas mudassem de figura.

Considera ser bom haver mais deputados pela comunidade mas, está à vista que a comunidade não se interessa muito por questões políticas...

Não se interessa, porquê? É um ciclo vicioso: se houvesse partidos que investissem e depois estruturassem debates com opiniões diferentes, seria importante. E depois há as causas mais específicas. A situação que tem a ver com a história da comunidade. Com o “leadership” de algumas pessoas, e esta é uma questão que enfim... não quero entrar por aí.

Politicamente, Portugal vai pelo bom caminho?

Como sabe, eu nunca meti a bandeira no bolso. Sou um homem de Esquerda, embora não tenha filiação partidária. Acredito nos valores

de Esquerda. Acredito mais num PS que apresenta um programa que até pode não satisfazer todas as minhas aspirações à mudança mas, ao fim e ao cabo, acho que poderíamos estar numa via melhor; que algumas melhorias se poderiam esperar deste Governo. Agora as coisas são difíceis... Tem-se a noção de que o país é ingovernável, que não será o caso. Gostava que o país estivesse numa via interessante mas, de facto, estou preocupado com as políticas e restrições orçamentais deste Governo, embora haja algum rigor naquilo que se tem feito e no que se tem dito. Preocupo-me sim, com políticas demasiado liberais.

Concorda, que haja, aqui, um Conselho de Comunidades que nos represente?

Acho importante haver um Conselho que nos represente. Mas, até hoje, o Governo português não deu meios suficientes para que essa representação se faça em condições dignas. Os meios são poucos e a participação nos debates, dos aqui residente, é tão ínfima, que me leva a acreditar pouco na força dessa representação. Todos os meios que dignifiquem a comunidade são bons e o C. C. será uma das formas de nos sentirmos representados em termos de “voz”, mas essa “voz” tem sido muito fraquinha. A participação, através do Conselho das Comunidade, não tem atingido os objectivos, como sabe. Falta de comunicação das pessoas, falta de financiamento e, também, porque o CC importou lutas partidárias que obstruíram o seu funcionamento interno e dificultaram a sua acção.

Antônio da Cunha

Portanto, o CC, toda a gente sabe, pois é um diagnóstico partilhado pelos próprios Conselheiros, está um bocado apagado.

No dia-a-dia, é homem de jornais ou homem de livros?

No dia-a-dia sou homem de livros.

O autor dessa obra que tem aí, quem é?

Este autor é *Lovelock*, um ambientalista importante que desenvolveu a hipótese de Gaia. Nesta obra *La Terre est un tre vivant - L'hypothèse Gaia* explana a ideia de que a terra funciona como um ser vivo em conjunto. Já há muitos anos que vem defendendo esta teoria. Há toda esta interdependência entre os meios

vivos e não vivos. Os homens não vivem na Terra mas dentro da Terra, sobre ela. Nós, os homens, a espécie humana, fazemos parte do conjunto. *Lovelock* tenta mostrar a forma, ou seja, qual é a fisiologia, quais são as patologias da Terra. É como os médicos a fazerem um diagnóstico para detectarem o que vai mal, as suas doenças, e, sobretudo, ver qual a melhor maneira de poder arranjar alguns remédios. De certa forma usa uma linguagem que apresenta a Terra como um órgão vivo, como qualquer outro ser.

Considera-se tão suíço como português?

Não, primeiro o meu coração bate por Portugal, totalmente, embora esteja aqui há 35 anos, assumo a minha portugalidade. Até o meu filho de 20 anos, apesar da mãe ser suíça, diz-se português e sente-se portugalizado; embora eu pense que a identidade, que ele pensa revelar a todos, não seja a verdadeira. Ele é mais “misturado”.

Todos os dias utiliza (quando pode) camisolas de uma equipa portuguesa. Vai às aulas com *T-shirts* com emblemas portugueses e tem uma bandeira portuguesa na varanda. Embora viva e vá viver aqui, vive o dia a dia como um português e a maioria dos seus amigos são portugueses que vai conhecendo na escola.

A visita guiada terminou. A conversa também. Deixámos o Professor Antônio Cunha, entre os alunos, investigando e debatendo a melhor forma de tornar o Planeta num lugar agradável para se viver.

Uma só Terra (que é preciso preservar) *para o conjunto da Humanidade*, como frisou.

Antônio Pinheiro e Luz Neto



Padre Bártolo Paiva Gonçalves Pereira

s grandes homens primam pela simplicidade e disponibilidade. Ainda bem que, longe da ribalta, há pessoas empenhadas na felicidade dos outros.

Mais cedo ou mais tarde o joio separa-se do trigo e, para regozijo nosso, surgem as pessoas que realmente são merecedoras de um profundo reconhecimento pelo trabalho constante em prol da comunidade.

No dia 6 de Outubro, o **Reverendo Sr Padre Bártolo Paiva Gonçalves Pereira**, Delegado Nacional para a Pastoral Católica da Comunidade Lusófona que vive em toda a Suíça, foi agraciado pelo Sr. Presidente da República, através do Sr. Embaixador de Portugal em Berna, com a **Comenda da Ordem do Infante D. Henrique**.

Sua Ex.cia o Sr. Embaixador de Portugal em Berna, que no fim de Outubro regressa a Lisboa, disse, na entrega da Condecoração, que não quis deixar a Suíça sem este reconhecimento de Portugal pelo trabalho do Sr. Padre Bártolo e do serviço religioso de apoio aos nossos emigrantes nesta terra helvética.

A PESSOAS felicita o Sr. Padre Bártolo, redactor permanente desta revista e deixa expresso o obrigado pelos artigos culturais a que tem habituado os leitores.



LARANJAS

Por volta de 1914 havia, na Praia de Algés, um imenso casario habitado por várias famílias, cujos filhos eram criados sem a preocupação de irem à escola. Durante anos o seu mundo era a praia. Os rapazes tornavam-se pescadores, banheiros, ou aprendiam o ofício de carpinteiro, observando e ajudando os profissionais a consertarem os diversos tipos de barcos de madeira que sulcavam o Rio Tejo. Foi assim com dois irmãos: um, Ricardo, ainda conseguiu aprender a ler, embora com alguma dificuldade, o ofício de carpinteiro. O outro, Manuel, nunca conseguiu juntar as letras e até à idade adulta não fez outra coisa que não fosse exercer a actividade de banheiro, no Verão, e vadiar nos restantes meses sustentado pelos pais, pessoas aliás pobres. Com o eclodir da Segunda Guerra Mundial Manuel foi trabalhar com um tio que era dono de um estaleiro, embora não percebesse nada do que por lá se fazia.

Contudo, sendo um indivíduo de uma enorme sagacidade e habituado ao desenrascanso diário, proporcionado pela vida que levava, por morte do tio tomou rapidamente as rédeas do estaleiro.

Devido à guerra, as reparações nos barcos que entravam no Tejo eram em grande número e a Manuel só lhe interessava fechar os respectivos contratos; o pessoal qualificado que trabalhava no estaleiro encarregava-se dos aspectos técnicos das reparações, pois Manuel pouco mais sabia do que pregar um prego.

Conta-se que um dia o carpinteiro-chefe lhe terá dito que a reparação efectuada num barco não estava ainda em perfeitas condições, tendo Manuel respondido: – Não te rales com isso. O que interessa é caçarmos o dinheiro da reparação! Isto são barcos para irem para o fundo quando saírem das nossas águas; os submarinos alemães não lhes perdoam!

O certo é que o negócio prosperou de tal forma que Manuel ficou bastante rico, para a época, em muito pouco tempo.

Adquiriu então duas grandes quintas contíguas perto de Sintra, abriu o muro que as separava e passou a viver numa delas, num casarão excelentemente mobilado, reservando o da outra quinta para os amigos que o visitavam. Naquele tempo os arredores de Sintra não pareciam tão perto de Lisboa e Manuel gostava de ter pessoas junto de si. Passou então a vestir-se impecavelmente, sempre de fato completo, o que o distinguia da maior parte dos homens da época; adquiriu uns anéis e uma pulseira em ouro que exibia com ostentação sempre que falava com alguém. E arranhou duas amantes... Uma delas foi viver para a quinta, a outra, moradora em Algés, viu-se presenteada com um lugar de venda de fruta, na Praça.

As quintas possuíam extensos laranjais e Manuel fazia gala em oferecer aos visitantes grandes quantidades de laranjas, de tal sorte que estes se viam na necessidade de as distribuir por amigos..:

– São as laranjas do Manuel – explicavam,

Manuel passou a ser conhecido pelo "Manuel das laranjas".

Era habitual ouvi-lo dizer: – Na Praça de Algés a rapariga não dá vazão às laranjas. Sou obrigado a oferecer cabazes e cabazes delas. Já deito laranjas pelos olhos! Juro que nunca mais comerei laranjas na vida!

Quando os amigos queriam meter-se com ele diziam: – Manuel, vai uma laranja?

Manuel era casado e vivia com a mulher e um filho no Porto Brandão.

Por volta de 1942 já dera cabo da sua fortuna; esbanjara muito dinheiro em negócios. Mal sucedidos e com muitas outras mulheres.

Certo dia, num café, um grupo de amigos interpeleou-o: – Ouve lá, Manuel, vimos-te com uma rapariga muito mais nova do que tu. Julgas que ela é só tua?

– É a minha conquista mais recente. Sei que ela não é só minha, mas consola-me saber que se eu estiver em casa dela nenhum tipo lá entra; se ela

estiver com um gajo em casa, e eu bater à porta, ele salta pela janela!

Todavia a guerra estava para durar e Manuel continuava com o estaleiro repleto de barcos. Em pouco tempo voltou aos tempos áureos.

Quando o conflito mundial terminou o negócio começou a decair. Pouco a pouco o filão dos barcos para reparar foi-se escoando e Manuel viu-se progressivamente numa situação difícil, pois não abrandara os gastos dispendiosos com mulheres. Acabou por se desfazer das quintas por tuta-e-meia, os anéis desapareceram dos dedos e do passado só restou o porte altivo, encadernado pelos fatos completos que o haviam caracterizado, embora fossem ficando cada vez mais coçados com o tempo.

Por fim, até já vivia de algum dinheiro que recebia da amante que, na Praça de Algés, sempre conservava o lugar de venda de fruta e se mostrou reconhecida até ao fim da vida.

Anos mais tarde apareceu a tomar conta de barcos de recreio que portugueses e estrangeiros tinham fundeado numa doca do Tejo.

Chegava todos os dias à doca por volta das oito horas da manhã, vindo do Porto Brandão, com o melhor fato que tinha, pasta numa das mãos, e quem o observasse ao longe pensaria estar na presença de um proprietário de alguma embarcação ou de algum funcionário do Porto de Lisboa.

Analfabeto, se alguém lhe deixava uma ordem por escrito, não perdia a compostura e dirigindo-se a uma pessoa dizia: - Desculpe, deixei os óculos em casa. O amigo não se importa de me ler o que aqui está escrito?

Limpava o convés dos barcos a seu cargo, via se as amarrações estavam bem, providenciava naquilo que os seus patrões lhe pediam e, à tardinha, ia para casa, não sem antes lavar, com grande espalhafato, pernas, tronco e cabeça, nuns alguidares, quer fizesse chuva ou sol.

Havia quem o admirasse pela maneira como se



comportava na doca, sempre muito educado e executando tarefas menores como se fossem de elevada transcendência.

Um dia vimo-lo sair de um dos barcos e rumar em nossa direcção. Trazia uma fateixa na mão.

- O alemão tem quatro fateixas a bordo. Já nem se lembra que tem esta. Estava escondida lá num canto. Vendo-a e ainda me rende uns escudos!

- Mas isso não está certo, Sr. Manuel - disseram-lhe.

- Não está certo? Então se eu não roubar quem é que rouba para mim?

Um episódio marcante passou-se cerca de um ano antes de falecer.

Estávamos junto dele, na muralha, quando entrou na doca um dos barcos de que cuidava. Lesto, foi ao seu encontro.

Passado algum tempo voltou para junto de nós, com a alegria estampada no rosto. Trazia um pequeno saco na mão.

- Já ganhei o dia! O francês deu-me uma posta de bacalhau e duas laranjinhas!

Desandou muralha fora cantarolando. Em breve faria o almoço e no fim comeria as duas laranjinhas...

AS LOAS DOS



Este antiquíssimo costume encontrava-se em várias aldeias da nossa região. O “cerimonial” é que variava de terra para terra.

Logo que se sabia a data do casamento, duas raparigas – às vezes quatro – tratavam de ensaiar as loas, recorrendo a qualquer velhote que tivesse jeito para “enversar”.

Nas vésperas do casamento, as “loeiras” preparavam o arco com que esperariam os noivos, à porta da igreja, depois do casamento. Havia sempre grande esmero na preparação desse arco. Normalmente era formado por duas canas, às quais se deixavam as folhas cimeiras para lhe dar mais graça. A essas canas fixava-se uma verga de vime que formava a ogiva do arco, o qual era coberto com fitas muito antigas guardadas nas arcas velhinhas, para estas ocasiões. Penduravam-se, também, cordões de ouro em graciosas voltas e, se era tempo deles, ramos de amores – perfeitos, símbolo do amor que devia reinar entre o casal. Como já disse, o arco era formado por canas e, por isso, dava-se o nome de “canas” ao mesmo. E nos comentários que costumava haver antes do casamento, havia sempre grande curiosidade entre o comadrio do soalheiro, para

saber se o dito teria “canas”, quais as raparigas que iriam pegar às “canas”, ... Rapariga que tivesse algo de repreensível no seu passado não era considerada digna desta homenagem. Dizia-se que “já não merecia canas”.

Como era em frente da porta principal da igreja que se esperavam os noivos e os acompanhantes, as “loeiras” costumavam começar com esta quadra: *Pare o Sol e pare a Lua / Pare o acompanhamento / Ajoelhem e façam vénia / Ao Santíssimo Sacramento.*

Depois iam recitando as loas alternadamente, ora uma, ora outra. Estas variavam de casamento para casamento, conforme as circunstâncias, ou conforme a qualidade dos noivos que era preciso realçar e pôr em destaque.

Se o noivo era de outra aldeia era costume ouvir-se esta loa:

Ó menina Fulana / Onde escolheu este cravo? / No lugar de... / Onde estava tão guardado.

E para o noivo ouvia-se: *Ó senhor Fulano / Onde escolheu esta rosa? / No lugar de ... / Onde estava tão formosa.*

Também aos padrinhos eram dirigidas algumas loas: *O Padrinho e a Madrinha / Amigos do*

CASAMENTOS



coração / Estimo que tirem a bolsa / E puxem pelo cordão.

Isto queria dizer que os padrinhos deviam dar uma espórtula às raparigas, pois também era da praxe.

Todos se acotovelavam para ouvir as loas, pois apareciam algumas que provocavam hilaridade, como esta que foi dirigida ao padre que presidiu ao enlace: *Ó Senhor Padre Fulano / Amigo do coração / se me casar este ano / Dou-lhe um alqueire de pão.*

Também apareciam loas crítico-jocosas como a que foi dirigida a uma mulher de certa idade: *Já te vejo vir casada / Linda flor do paraíso / Já tens sessenta anos / Já podias ter juízo.*

Casimiro Augusto de Oliveira consagrou e consagra o seu tempo à pesquisa, à investigação de tradições mais genuínas da cultura popular portuguesa.

Colabora na Revista Bi-tó-rô, editada pela Associação Cultural de Soutelo – Mogadouro (Trás-os-Montes), onde tem publicado sob o título “As Memórias das Coisas Antigas”, inúmeros artigos, contos e versos inspirados no seu amor pelas gentes do Nordeste Transmontano.

(...) Recitadas as loas, o cortejo seguia para casa dos pais da noiva, com esta o noivo, debaixo do arco. Ao fundo das escadas, repetia-se a mesma cerimónia com outras loas apropriadas, como esta dirigida à mãe: *Venha cá Senhora Maria / Não esteja tão descansada / Venha ver a sua filha / Foi solteira e vem casada.*

Aqui eram oferecidos aos noivos raminhos de oliveira enfeitados com doces e chocolates. A oliveira significava a paz que devia reinar entre marido e mulher. As moças das loas eram convidadas a tomar parte no banquete a que hoje se costuma chamar “copo de água”. A festa terminava com bailarico.

Parte da sua pesquisa está reunida na obra “Raízes” (actualmente esgotada).

A partir deste número, a PESSOAS, passará a publicar alguns trabalhos amavelmente cedidos por este investigador da cultura popular, Casimiro Oliveira.

Como os meses de Verão são os mais propícios a agendar festas de casamento, principalmente entre nós, comunidade emigrante, que ruma a Portugal, vem a propósito o artigo do nosso colaborador.

“Le salon”

C'est l'obstruction qui fait la révolution.

C'est la censure du livre sous l'Ancien Régime qui provoque la floraison des salons et sociétés de lecture, les gazettes, les correspondances des voyageurs, le colportage, etc. Aujourd'hui, l'impérialisme des nouvelles communications n'a pas tout à fait éteint la flamme de ceux et celles qui aiment partager le texte. Les lectures en *salon*, et tout ce que cela comporte de complicité et de reconnaissance, ne cessent de fleurir à part mais néanmoins sauvagement comme le pissenlit et le coquelicot que j'aime entre toutes les fleurs.

Il y a bientôt dix ans (!), mon amie Danièle organisait chez elle une soirée de lecture qu'elle intitulait “Au bonheur des dames”. Dans le désir de ritualiser ces rencontres, j'ai repris en main ce *salon* élargi désormais à un plus large cercle. Nous venons l'inaugurer, le samedi 10 septembre 05. J'aimerais rendre hommage au “Bonheur des Dames”, notre premier salon par cette lettre qui ouvrit la soirée “poésie d'exil” le 21 novembre 2002, au café Pessoa.

Chère Danièle,

*Si j'étais Dieu,
j'aurais pitié du coeur
des hommes.
Maeterlink*



Le papier que tu viens de me tendre, ma chère Danièle, je l'ai déjà égaré... mais il reste dans ma mémoire comme la poussière des papillons. J'avais lu : “Au bonheur des dames...” ... J'ignorais qu'il fut possible de réaliser un titre, car non seulement le bonheur était là, mais les dames... un détour au dix-neuvième: la voilette sur le regard violet de Lydie... qui avait élu Goethe, le sourire malicieux de Martine... elle sort comme d'une boîte à lutins, un haïku... et notre Jacqueline, modèle que tout Florentin aurait convoité qui déclamaït Racine par coeur et si merveilleusement... cette inconnue aussi, celle dont le chapeau s'élevait en un tourbillon, tu te souviens, elle avait si subtilement emprunté à Maupassant sa moustache, que je l'entends encore soulever sa voix, la laisser choir gracieusement... Brigitte, l'exquise Brigitte qui scandait nos histoires : “Ah oui ! Ah bon”!... comme il est doux de se sentir écouté ! Et toi , ma chère Danièle, gracieuse d'entre les gracieuses... c'était Baudelaire, et Louise Labé, et d'autres encore... d'un geste précis, d'une voix si précisément adaptée que nous changions d'époque en faisant se succéder les ouvrages dans la fraîcheur de ton jardin... C'était au mois d'août, il y a six ans déjà. Nos salles de classe dans la vieille enceinte de l'université se côtoyaient... nous dînions dans le parc... et je suis heureuse à chaque fois de réinventer avec vous l'histoire renouvelée des siècles de poésie, de m'attarder à chaque époque, en chaque frisson, comme on s'étire aujourd'hui dans une salle de cinéma, quand la réalité se prolonge et peine à émerger, qu'elle s'insurge contre sa nature propre, celle de la page qui se tourne.

Pour ce papier tendu, pour le bonheur des dames, une révérence... un vrai merci.

Les derniers de ces salons ont eu lieu soit au café Pessoa, soit à l'ancienne auberge du Fleurier à Péron, dans l'Ain. Mais c'est au café que seront toujours diffusées les dates et le thème.

Leyla Tatzber

D.^{ra} Cassola Ribeiro

Obrigado sem fim

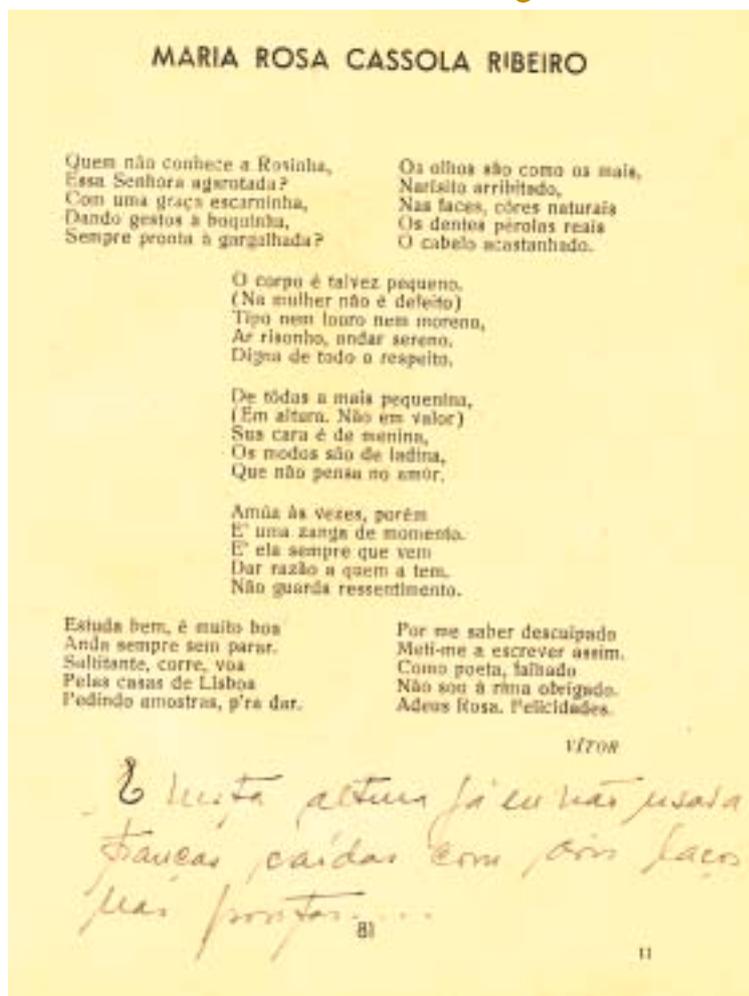
O percurso de vida peregrina tem, por vezes, o ponto de chegada no de partida. Na meninice, na adolescência, juventude, à entrada da idade adulta, está em vias de construção uma personalidade que deixará marcas inconfundíveis.

Na primeira metade do XX, quando uma parte da cúpula do edifício de formação se arquitectava na Universidade e no número de estudantes era relativamente pequeno, o final do curso retinha características de toda a turma, em álbum, cujo retrato físico e psicológico era feito ora por colega poeta ora por caricaturista.

Os alicerces da vida mantêm-se pelos tempos e hoje o reconhecimento a prestar a uma indefectível divulgadora da cultura portuguesa, em terras helvéticas, é a de um OBRIGADO SEM FIM pelo combate travado para reunir tempo e energia e recursos financeiros para aluguer de salas, suporte de revista, hotel e viagens a poetas e escritores e conferencistas vindos quase sempre de Portugal e dá-los a conhecer a gente interessada, convidando-a para palestras, debates de interesse geral, fora de um quadro oficial de apoio em que os dinheiros proviriam do tesouro público. O seu regresso ao torrão de origem, deixa a Suíça mais pobre. As tais quadras e traços dela falam, enquanto ROSINHA e SENHORA finalista da Universidade de Farmácia de Lisboa, ano da graça do Senhor de 1943.

P.S. Não devemos omitir a confissão manuscrita, rabiscada no roda-pé da pág. 81: *E nesta altura já eu não usava tranças caídas com dois laços nas pontas...*

Miguel Passarinho



Poesia do Livro de Curso dedicada à D.^{ra} Cassola Ribeiro



Caricatura da D.^{ra} Cassola Ribeiro



Livro de Curso dos Terceiranistas de Farmácia (1943)

Intercâmbio desportivo

Julgo que se chama “investimento” a uma tomada de posição que produz resultados que garantem lucro e que só se mete em investimentos quem tem um estudo de viabilidade económica do seu empreendimento e tem a garantia técnica de que vai ganhar dinheiro. Estou em crer que ninguém se aventuraria a projectar o que quer que fosse, para perder. O ser humano que habita o cosmos, onde vencer começa a ser imperativo face a uma concorrência desenfreada a todos os níveis, admite “andar de gatas” mas não para “se lixar”. Entretanto começou a utilizar-se a palavra investir com sentido diferente mas muito moderno e muito giro, do tipo “vamos investir na saúde”; “vamos investir na boa vontade”; “vamos investir nas mulheres”; “vamos investir nisto e naquilo” ... A partir de certa altura, começo mesmo a ficar com convicção de que já não falta investir em nada, ou melhor, falta investir em tudo ou, pelo menos em minha opinião (que naturalmente não é vin-

culativa) naquilo ,que realmente crie riqueza, seja essa riqueza material, cultural, política ou outra qualquer. Mas que se veja, e que os cidadãos de facto aproveitem dela.

Nos Açores, gosta-se muito de investir no “nada”, ou antes, em coisas mal planeadas, mal pensadas muitas vezes e cujos resultados são, frequentemente, nulos. E isso acontece frequentemente por razões políticas, para benefício de amigos ou outras razões tão ou mais antipáticas do que estas. Simpósios, congressos e encontros pomposamente designados como sendo “de trabalho” são eventos mediáticos importantes desde que sejam bem planeados e façam parte das necessidades óbvias dos formandos ou quando o formador tenha qualidades para liderar uma acção que seja efectivamente interessante. Na realidade não estou a propor que não se façam coisas deste tipo, pelo contrário, mas não se pode omitir que, muitas vezes, se gastem pequenas fortunas para deslocar, alojar e dar de



HORA LUSITANA

*A sua emissão de rádio
em português.*

*Sábados e Domingos 13h / 15h
Genève, 92.2 FM - cabo 98.6*

*Comunicar é a nossa força!
Há 17 anos que em português
nos entendemos!*

Case postale 1111 • 1211 Genève 1
Tel: 022 309 09 58 / 022 309 09 59
horalusitana@radiocite.ch

– rapazes de férias

comer a dezenas de pessoas, sobretudo das ilhas mais pequenas, sedentos de convívio e de movimento que, depois de uma semana, em que estão mais no corredor que nas reuniões, em que fazem uma “sesta” discreta em pleno colóquio, com jantares até às tantas e “bicas” até às quinhentas, voltam às suas terras de malas atulhadas de compras feitas em longos intervalos de almoço e de “coffee break” e, no meio das malas fechadas com o suor a cair em bica, lá vão meia dúzia de apontamentos de um encontro para esquecer e, em relação ao qual, os participantes afirmam ter sido apenas mais um em que não aprenderam mais nada. Mas pronto.

Estamos a viver a euforia dos “booms” de deslocações e formações sem sequer se saber se esses investimentos são realmente interessantes e, sobretudo, se terão aplicação prática para os formandos e até mesmo se foram desejados por eles e as razões que terão levado alguns a desejá-los. Pessoalmente já estive em formações incríveis – a palavra é, maldosamente, *dúbia*.

Mas o que me leva a escrever esta crónica é o futebol, o volei, enfim... os desportos da “malta nova” que têm provocado uma onda de intercâmbios juvenis entre ilhas que é uma coisa linda de se ver. Os adolescentes vão saltitando de insularidade em insularidade, a Sata transporta-os a eles e a acompanhantes à custa não sei de quem (não deve ser da Secretaria da Educação que eles não gostam de gastar dinheiro); ficam cinco dias para realizarem dois jogos no máximo e “curtirem” a estadia até ao esgotamento, em noitadas até as quinhentas e outras coisas que mais, nos restantes dias. O treinador é sempre um homem responsável que promete e jura a todos os pais que as crianças hão-de portar-se muito bem, estar na cama às nove, dez horas e levar vida de eremitas durante a deslocação. É claro que todos sabemos que não é nada disso e



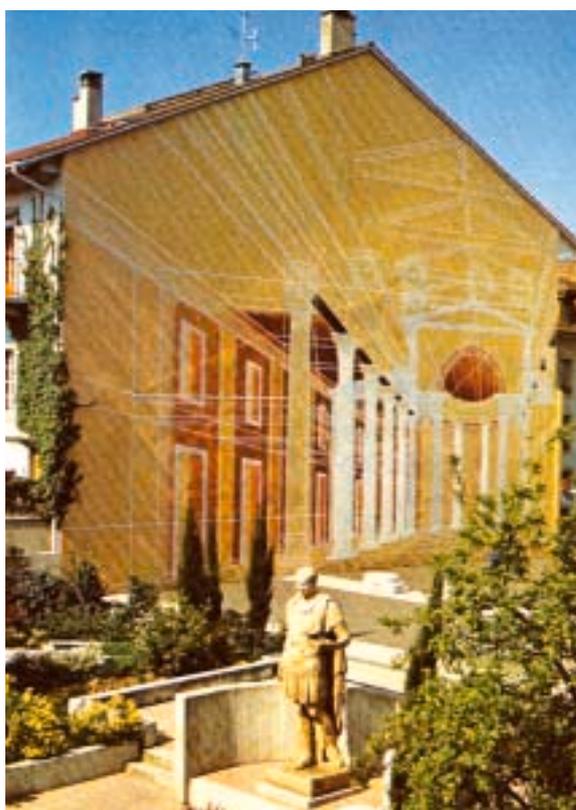
todos temos consciência que nessas deslocações não acontece nada de cultural e que, infelizmente, não raras vezes, acontecem mesmo incidentes que não se contam para não envergonhar quem paga este “turismo desportivo” que me parece um péssimo investimento.

Penso isso dos grupos de jovens porque me admira que o Secretário da Educação seja tão exigente com as faltas dos professores e permita deslocações de adolescentes em períodos de aulas, para actividades físicas que se podem muito bem fazer nos inúmeros polidesportivos que existem nesta Região e com os quais já se gastaram centenas de milhares de euros em localidades que, às vezes, nem sequer têm jovens para praticar desporto. Sou a favor da actividade desportiva, mas acho que qualquer espaço aberto e despoluído serve para praticar desporto que nos apetecer. E não são poucas as pessoas que, reconhecendo a necessidade de relaxar a alma através do movimento do corpo, se juntam em pequenos grupos para andar a pé ou mesmo para exercícios de maior requinte técnico.



As bandeiras que drapejam nos edifícios – verde e branca e inscrito *Liberté et Patrie* – assinalam que estamos em território *vaudois*. E esta cidadezinha, autêntica pérola do Cantão de Vaud, derrama casario e parques até às margens do Léman.

Apesar de oferecer a beleza e calma das pequenas metrópoles suíças, não deixa de andar, quase todos os anos na boca dos amantes de futebol. Não fosse o local eleito para os estágios do Benfica ou para encontros mais ou menos



Júlio César (à entrada do Museu Romano)

sigilosos entre trinadores e dirigentes desportivos na moderna sede da UEFA (Complexos Desportivos de Colovrey, junto da Route Suisse e Chemin de la Piscine) e pelo Paléo Festival



Arco do castelo, face lago

que traz a estas paragens o ritmo e a música dos cinco continentes. Em Julho, o *rock*, a *salsa*, o *reggae*, o *techno*, o *country*... dominam e acendem delírios à multidão, no espaço relvado de 10 ha. Junto ao lago.

O povoado helvético *Noviodunum*, foi conquistado por Júlio César e transformada na *Colônia Julia Equestris*. Em Nyon, enlaçam-se, permanente, vestígios do passado romano, do passado medieval e pujantes testemunhos da época actual.

Théodore Wellauer, professor, consciente da riqueza arqueológica da região, impulsionou, em 1860, criação da Sociedade do Museu, a fim de preservar os achados arqueológicos. Depois desse espólio ter exposição fixa nas salas do castelo, passou ao celebrado Museu Romano (subterrâneo), instalado nas fundações da antiga basílica do *Forum Romano*.

A estátua de Júlio César faz honras, à entrada. Descendo a rampa suave discorre-se sobre informações da História suíça à época da Romanização e do povoado *Noviodunum*. Todo o espaço a percorrer está repleto de objectos de uso diário, ornamentos de beleza, maquetas do *Forum*, marcos de estrada (*Les milliaires*) que balizavam distâncias desde localidades principais até Roma. Desde o reinado do Imperador Augusto, Nyon tornou-se num “caput viae”

(*tête de route*), ou seja, num ponto de referência. Por curiosidade, verificámos, no “medidor” usado para tal fim, o tempo de viagem até à capital do Império: a pé, 28 dias; a cavalo, 13 dias – tendo em conta que os cavalos de estafeta percorriam normalmente 50,7 milhas por dia (75 Km).

O passado mais remoto está patente no Museu Romano, através dos inúmeros documentos expostos.

No séc. XVI sofreu a invasão dos *bernois*. O castelo e as casas circundantes, com arcadas, testemunham essa ocupação nem sempre fácil.

O Castelo (em obras de restauro) de construção feudal, ergue-se, altaneiro (com cinco torres dessemelhantes encimadas de típicos telhados em forma de *poivrière*) frente ao lago, dominando as aprazíveis marinas, e luxuriantes passeios e parques bordejando o *Petit Lac*, como aí denominam a parte do *Léman* até *Genève*. Ao longe, divisa-se o famoso *Jet d’Eau* genebrino.

Desde 1804, o dito Castelo, tem sido a sede do Governo local, dos tribunais e prisão. Em 1888



Ruínas do Anfiteatro Romano. Ao fundo, o Castelo



Espalada dos Castanheiros e colunas Coríntias

acolheu o Museu de História, crê-se que a partir deste ano só este, aí, ficará instalado.

O Museu é o testemunho vivo do nosso património histórico – dizem. Ali está a vida quotidiana de Nyon desde a Idade Média até hoje. Imperdível são as colecções de vidro e porcelanas. Nyon foi celebrada, entre 1781 a 1813, como um dos mais importantes centros manufactureiros de porcelana.

Saindo do Castelo, percorre-se a *Promenade de Vieilles Murailles*, espaço de encantamento, restaurado no séc. XIX. Abrange a parte alta do *Quartier de Rive*. Ladeado de muros atapetados de trepadeiras, prolonga-se até a “Esplanada dos Castanheiros”. Dela, abrange-se o *Petit Lac* e, na margem oposta, o *Salève* e o *Mont Blanc*. Neste local as colunas coríntias, e os ditos castanheiros plantados em sincronia perfeita, dão a moldura romântica às milhares de fotografias registadas por turistas contemplativos que por ali deambulam.

Na zona ribeirinha de Nyon pontilhada, como atrás dissemos, de cais e jardins, destaca-se a



torre César e a máscara do deus *Attis*, amante de *Cibelle*, símbolo de Fecundidade. Podemos usar o comboio turístico para admirar os cais floridos e as pitorescas ruelas.

O Museu do Léman (antigo hospital do séc. XVIII) perto do cais, expõe “*Toute la nature et la culture du Léman*” a origem, a flora e fauna. Os aquários (os maiores da Suíça Romanda) contêm várias espécies de peixes e a vegetação das margens. As actividades piscatórias, os



Château de Prangins

transportes da madeira em grandes batelões, através do lago (antes do caminho de ferro), a maquinaria do barco de cruzeiros *Helvétia II*, as maquetas de todos os barcos a vapor desde 1823 (o primeiro) até aos nossos dias merecem visita atenta.

Esta pequena grande cidade, podemos dizer, “desconcentra-se” pelos arredores e, quem adorar caminhadas, bicicletas ou comboios

turísticos pode começar pelo *Château de Prangins* onde está instalada uma secção Museu Nacional Suíço de Zurique (séculos XVIII a XIX). Esta residência senhorial está emoldurada num parque luxuriante que domina o Léman.

A *Abbaye de Bonmont* na pequena localidade de *Chésèrex* (via *Divonne*) é uma carta de visita a não perder. Em tudo semelhante à abadia de *Clairvaux*, dizem-na cisterciense desde 1131 e em tempos usada para fins menos religiosos (queijaria e garagem). Reter o altar-mor, os capitéis, decorações florais e, sem dúvida, a construção da nave em cruz latina.

Para aceder aos produtos ditos do “terroir” e aos pequenos, mas típicos, locais de venda e degustação dos vinhos da *Côte Lémanique*, não há como fazer a *Route du Vignoble*, 50 Km através de aldeias genuínas, cujas pessoas, juntam à autenticidade dos sabores da mesa a simpatia de bem receber. Tudo enquadrado num deslumbramento paisagístico.

O Outono colabora pintalgando estes sítios de cores irreais. Vale a pena pegar nos seus “reben-tos”, aproveitar as férias de Outubro e... rumar a Nyon!

Catarina Reis



Abbaye de Bonmont, Chésèrex

Brigada Ligeira

O Outono está aí, com os seus dias de uma calma de seda, doce e amarelada. Pouco, muito pouco a ver com a agitação de outros territórios. Deixe-se levar por esta paz interior e, se assim lhe dar na gana, sinte-se livre para nos dizer o que lhe apetece.

A mim apetece-me dizer-lhes que de pouco vale andarmos de candeias às avessas com Deus, os anjos e o diabo. E muito menos, de andar de candeias às avessas com os senhores e as senhoras que mandam neste mundo de empregos, escolas, polícias e enganos. Gostaria de dizer-lhes que entre textos sem sentido, como este, e belas crónicas e entrevistas, como alguns dos textos desta revista, prefiro ler estes últimos. Isto de “brigar” tem muito que se lhe diga: discutir, ralhar, não estar de acordo, ser quezilento, destoar... e tantas outras coisas fazem-nos sentir em fato de cangalheiro! A palavra cangalheiro cheira-me a cemitério e, esta última, a coisa nada boa. Boas e quentes serão as castanhas de S. Martinho, com magustos e mostos de vinhos novos. E como há poucas novidades que nos transportem até ao paraíso, deixemo-nos apanhar pelos ares dos tempos. Por isso, mais vale uma daquelas grandiosas decisões de candidatura independente às Câmaras Municipais do que candidaturas de engravatados senhores da política. Uma senhora, em Felgueiras, e um senhor, em Amarante, assim o decidiram: vão para as eleições com mãozinhas de virgens cândidas e com mãos que empalmaram, segundo consta, santinhos nas procissões e uns “eurões”, diga-se tostões, na caixa das esmoladas. Bendita seja tamanha devoção à nobre causa do bem público!

Digo-lhes, com o credo na boca, que enquanto um tribunal nada decidir, todos os cidadãos são iguais perante o Criador. Será assim mesmo perante outros cidadãos, perante aqueles que enfrentaram a adversidade e não deram o pulo para terras de brasileiras, vistosas em curvas e manhas? A manhosice não tem limites e a decência pública, nos tempos que correm, é virtude de monges cistercienses. Pelo andar da carruagem, chegaremos à idade média, catando virtudes, em mosteiros de clausura. Apetece-me pois, falar-lhes desta hipocrisia política, desta, diria, pouca-vergonha entre políticas e políticos. Apesar de tudo isso, o país, as empresas e aqueles que ainda trabalham a sério, vão avançando como podem, conseguindo coisas de espantar: Portugal está no vigésimo segundo lugar (22º) de entre os países mais competitivos do planeta! E quem diz tamanha verdade não é português, não torce pelo Porto ou pelo Benfica nem frequenta os comícios dos partidos políticos. Quem o disse e o escreveu, é uma reputada instituição suíça com sede na cidade de Genebra, o Fórum Económico Mundial. Será que os portugueses vão conseguir levar o país para a frente, mesmo sem independentes e sem penduras, contando com o bom senso de quem governa (ou pode governar) e com a coragem de quem quer melhores competências e maior competitividade?

Pessoas

Temos a certeza de que a **Pessoas** passa a fazer parte do seu dia-a-dia. Não perca tempo. Este é o cupão de assinaturas.

Preencha-o e devolva-o. **Já!**

Pessoas magazine – Case Postale 1877 – 1211 Genève 1

Nome/Non:

Morada/Adresse:

Código postal:

Tel.

Assinatura anual (Suíça) 20frs (Europa) 40frs

Assinatura anual de Apoiante frs

Genève

Consulado Geral de Portugal
 Cônsul Geral – Dr. Júlio Vilela
 Rte. de Ferney, 220 - 1218 Grand-Saconnex
 Tel. 022 791 76 36 Fax 022 791 76 38
 mail@cggen.dgaccp.pt

Serviços de Ensino
 Responsável Dra. Graciete Camejo
 Rte. de Ferney, 220 - 1218 Grand-Saconnex
 Tel. 022 798 87 66 / 67 Fax 022 798 87 68
 ensinoge@hotmail.com

Livraria Camões
 Bd. James Fazy, 18 - 1201 Genève
 Tel 022 738 85 88 Fax 022 738 88 37
 camoes@bluewin.ch

Rádio Cité - 92.2 FM /cabo 98.6
 Emissão em Português
 Hora Lusitana - Genève
 A P I C - Association Portugaise
 d'Information et Culture
 Sábados e Domingos das 13.00h às 15.00h
 Tel. 022 309 09 58 Fax 022 309 09 69
 horalusitana@radiocite.ch

Banco Português e Investimento
 R. de Lausanne, 36 - 1201 Genève
 Tel. 022 906 17 90 Fax 022 906 17 93
 www.bancobpi.pt

MILLENNIUM BCP
 R. de Lausanne, 54 - 1202 Genève
 Tel. 022 908 38 48 Fax 022 908 38 45
 www.millenniumbcp.pt

Caixa Geral de Depósitos
 R. de Lausanne 67-69 - 1202 Genève
 Tel. 022 908 03 60 Fax 022 908 03 69
 www.cgd.pt

Crédito Predial Português / Totta & Açores
 Rue de Genève 134 - 1226 Thônex-Suíça
 Tel. 022 348 47 64 Fax 022 349 82 44
 www.totta.pt

Montepio Geral
 R. Terr. du Temple, 9 - 1201 Genève
 Tel. 022 731 58 00 Fax 022 731 58 04
 www.montepiogeral.pt

Lausanne

(ACISPS) Associação do Comércio, Indústria
 e Serviços dos Portugueses na Suíça
 R. Charles Monnard, 6 - 1003 Lausanne
 Tel. 021 312 04 14 Fax 021 312 04 47
 www.acisps.ch - info@acisps.ch

Banco Espírito Santo
 Av. Montchoisi, 15 - 1006 Lausanne
 Tel. 021 614 00 14 Fax 021 614 00 15
 www.bes.pt - emigr@bes.ch

MILLENNIUM BCP
 Pl. Chauderon, 18 - 1002 Lausanne
 Tel. 021 320 99 32 Fax 021 312 46 34
 www.millenniumbcp.pt

S.E.P. VOYAGES
 Av. de Montchoisi 2 - 1006 Lausanne
 Tel. 021 601 08 30 Fax 021 601 08 31
 agence@sep-voyages.com

Sion

Escritório Consular de Portugal
 Chanceler - Rosa Paiva
 Av. du Midi, 7 - 1950 Sion
 Tel. 027 323 15 11/16 10 Fax 027 323 51 11
 mail@cggen.dgaccp.pt

Bern

Embaixada de Portugal em Berne
 Embaixador - Dr. Manuel Côrte Real
 Weltpoststr. 20 - 3015 Bern
 Tel 031 351 17 73 Fax 031 351 44 32
 mail@sceb.dgaccp.pt

Serviços de Ensino
 Coordenadora - Dra. Madalena Silva
 Weltpoststr. 20 - 3015 Bern
 Tel. 031 352 73 49 Fax 031 351 44 32

Zurique

Consulado Geral de Portugal
 Cônsul - Dr. Simeão Archer Pinto de Mesquita
 Zeltweg 13 - 8032 Zurique
 Tel. 044 200 30 40 Fax 044 200 30 50
 mail@cgzur.dgaccp.pt

Rádio Lora - 97.5 FM - Emissão em Português
 Espaço Português - Zurique
 Sábado - das 15.30h às 17.00h
 Tel. 044 567 24 00 Fax 044 567 24 17
 www.lora.ch - programa@lora.ch

Rádio - Kanal-K - 92.2 ou 94.4 FM
 Emissão em Português
 Espaço Português - Aaral
 Quinta-Feira - das 19.00h às 20.00h
 Tel. 062 834 90 80 Fax 062 834 90 74
 www.kanalk.ch - admin@kanalk.ch

MILLENNIUM BCP
 Wyssgasse, 6 - 8004 Zurique
 Tel. 044 296 60 40 Fax 044 240 50 45
 www.millenniumbcp.pt

ICEP-Portugal
 Zeltweg, 15 - 8032 Zurique
 Tel. 043 268 87 68 Fax. 043 268 87 60
 www.icep.pt - icep@icep.ch

TAP Air Portugal
 Gotthardstr. 56 - 8002 Zurique
 Tel. 043 344 38 88 Fax. 043 344 38 89
 tap.switzerland@tap.pt

Jornais e Revistas

Boletim Informativo
 Lusitano de Zurique
 Birmensdorferstr. 48 - 8004 Zurique
 Tel. 01 241 52 15

Gazeta Lusófona
 Dir. Adelino Sá
 Postfach 3010 - 6002 Luzern
 Tel. 041 310 06 30 Fax 041 311 02 42
 a_sa@gazetalusofona.ch
 www.gazetalusofona.ch

Guia Info Shop
 Dir. Carlos Lopes
 Wasserfallstr. 72 A - 6390 Engelberg
 Telm.079 432 13 47
 www.infoshopportugal.com

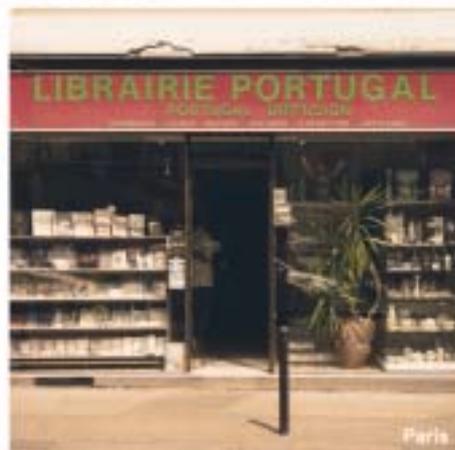
Luso Anuário
 Dir. Mário Pereira
 Case Postal 459 - 1226 Thônex-Suíça
 Tel. 079 775 62 88
 www.lusoanuario.com
 lusoanuario3@msn.com

Luso Helvético
 Dir. Ribeiro Santos
 Case Postal, 268 - 1030 Bussigny
 Tel. 021 701 95 61 Fax 021 701 95 64
 director@luso-helvetico.ch
 www.luso-helvetico.com

PESSOAS-magazine
 Dir. António Pinheiro
 Case Postal, 1877 - 1211 Genève 1
 Tel. 022 738 85 25 Fax 022 738 88 37
 pessoasmagazine@bluewin.ch

SOLUÇÕES PARA PORTUGUESES RESIDENTES NO ESTRANGEIRO

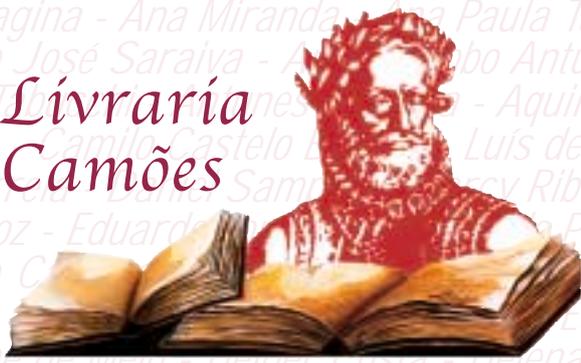
O BANCO
DE TODOS OS
PORTUGUESES
ESTÁ ONDE
ELES ESTÃO.



Os portugueses chegaram aos quatro cantos do mundo. E a Caixa está onde estão os portugueses. Seja com soluções de gestão do dia-a-dia, soluções de financiamento ou de poupança e investimento, vamos estar sempre ao seu lado com condições especialmente atractivas. Adira às soluções da Caixa e fique mais perto de Portugal.
www.cgd.pt

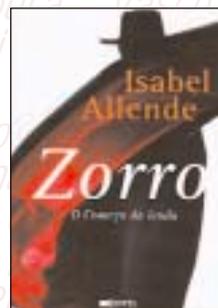
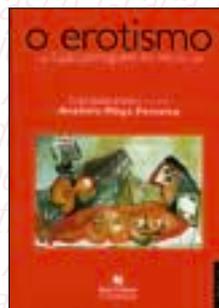
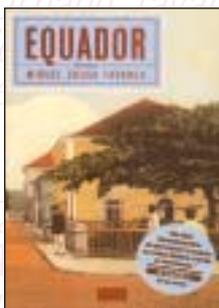
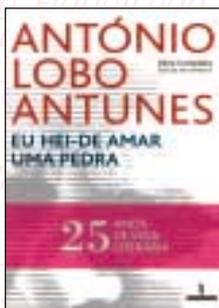
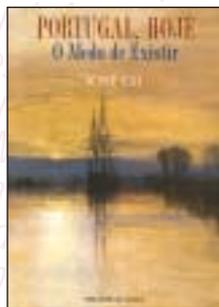
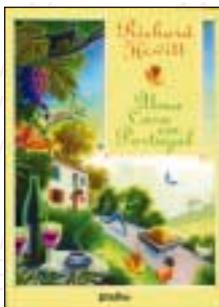
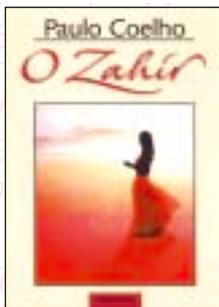


Livraria
Camões



Concretize sonhos!
Ofereça livros!

Os dez mais



Temos todos os manuais
escolares e toda a música
portuguesa disponível
em CD e DVD